

MAIO DE 1908



KOSMOS

SUMMARIO

Chronica.....	Olavo Bilac X
Exposição Nacional.....	Gravura ✓
O Veneno Ophidico.....	R. P. ✓
A Vida de Hoje.....	Mario Pederneiras
Um Retrartista Esquecido.....	André de Rezende
A Musa Anonyma.....	Mario Behring ✓
O Paiz Carioca.....	Lima Campos ✓
Matto Grosso.....	Juruna
O Rosario do Cabo de Ordens.....	Dionisio Cerqueira ✓
Por Darwin.....	Fritz Müller ✓
Cantigas.....	Cunha Mendes
Exposição Nacional.....	Gravura ✓
Buenos Aires.....	Thomaz Lopes ✓
As Obras Contra a Secca.....	Y.
Pedra da Balisa.....	Eduardo Socrates

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos
Sobre a Vida

Auctorisada a funcionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:
Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos:
Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000\$000

Apolices com Sorteio Sememestral
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e
15 de Outubro de todos os annos

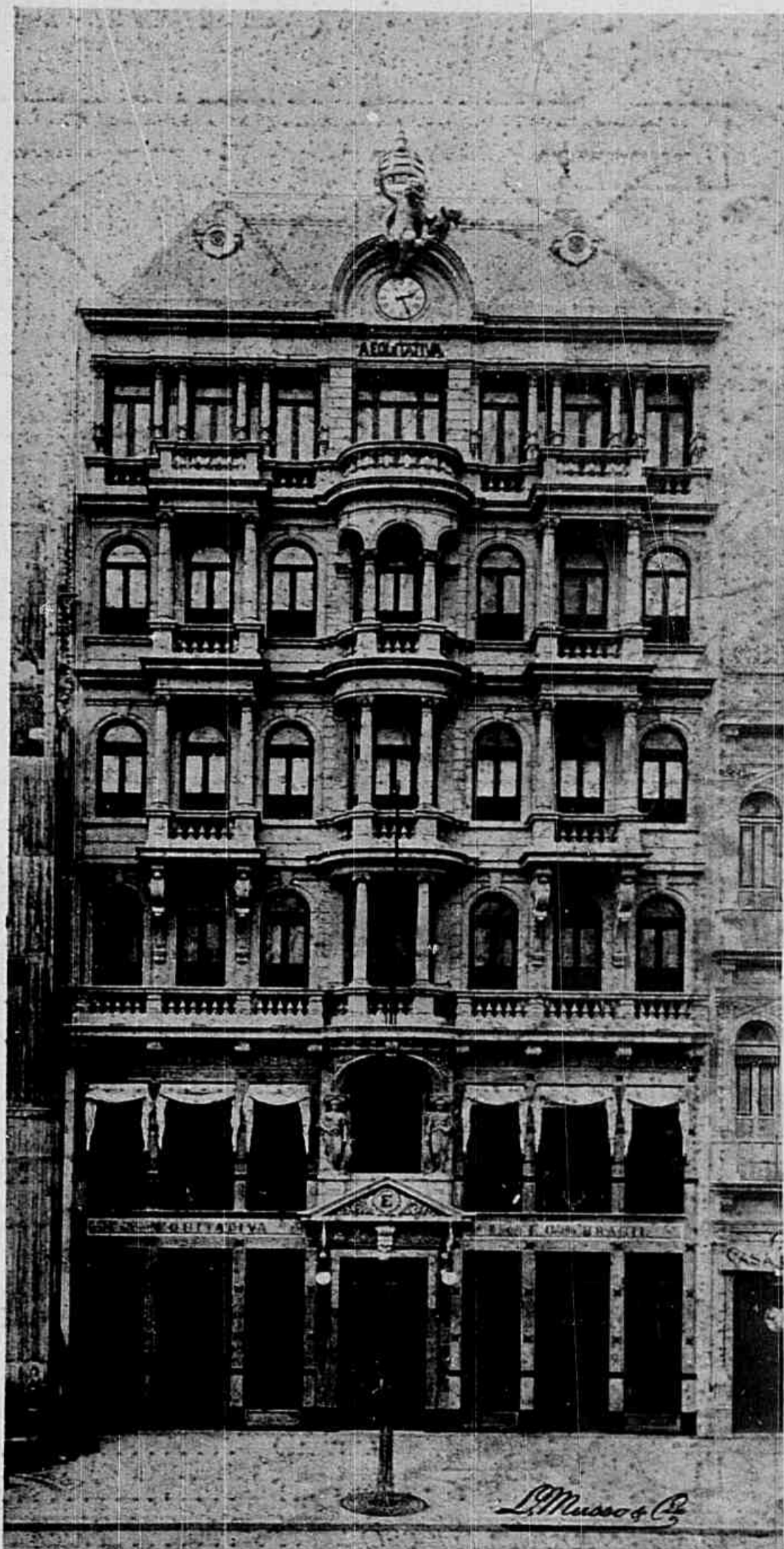
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 $\frac{1}{2}$ e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO, 11 DO CORRENTE

187 — 1º

Por 7\$900

200:000\$000

Por 7\$900

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 10



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL

INTERIOR. . . . 20\$000 EXTERIOR. . . . 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas

RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V

MAIO 1908

N. 5

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA

A variola. . .

A variola? Pois neste lindo e suave começo de inverno, quando o ar é tão brando e o céu é tão azul, quando tantas flores enfeitam a terra, quando ha tantas festas e tanto riso, — ha quem venha lembrar tal cousa?

A variola? Já estou vendo o espanto dos leitores habituaes de *Kósmos*. . . Parece-lhes, sem duvida, que o assumpto é improprio e descabido, nesta revista de arte e elegancia. Não de achar, a principio, que as sete letras feias e sinistras dessa medonha palavra veem profanar e polluir a alvura deste papel assetinado, em que habitualmente se estampam finas gravuras, versos lyricos e trechos de prosa fidalga.

Mas o espanto não tem razão de ser.

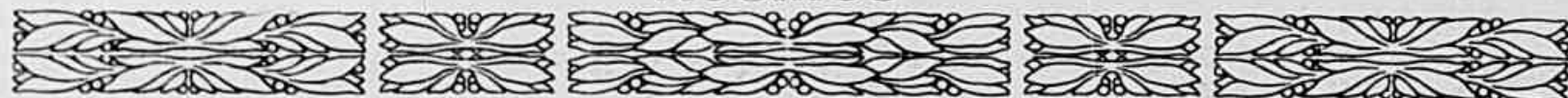
Em primeiro lugar, *Kósmos* sempre quiz ser e sempre tem sido um registro de toda a vida nacional: foi para isso que ella foi creada, e é graças a isso que ella se tem mantido; seria imperdoavel que a revista, por um mal comprehendido melindre de elegancia, agora se

collocasse fóra da vida, calando o horror do perigo que a todos ameaça neste momento.

Depois, é preciso considerar que a variola não é molestia plebéa, que fira apenas a gente baixa, e apenas invada e enlute pardieiros e estalagens: essa epidemia cruel tambem se dá bem entre as sedas e as alfaias dos paços. As suas dentadas assassinas, que deixam estigmas indeleveis, não escolhem apenas a pelle rude dos trabalhadores, tostada, ennegrecida e gretada pelo sol: tambem se comprazem em picar as faces de pelle de rosa e lyrio, — e é nestas que os seus estragos se exercem com maior brutalidade e se gravam com maior fereza.

Tanto basta para mostrar que o assumpto não é improprio destas paginas. Nem só nas habitações humildes se deve fazer a propaganda contra o mal hediondo: é preciso leval-a até os palacios.

Nem se diga que é de mau gosto e denunciadora de falta de patriotismo a ideia de vir lembrar a existencia de uma epidemia, quando o Rio de Janeiro se prepara para receber a visita de todo o Brazil, por occasião da sua grande e esplendida *Feira Nacional*. Não se trata de uma epidemia como as de febre amarella, que outr'ora (tempos abomináveis!) dizimavam periodicamente a população do Rio. Esta epidemia não desmoralisa a cidade, — por ora. Mas, tratando-se de uma calamidade que



volta todos os annos, — com a mesma pontualidade feroz com que o senhorio nos vem cobrar todos os mezes o aluguel da casa, — é facil prever que ella se irá de anno em anno aggravando, enquanto toda a população não se vaccinar. O adiamento deste é um crime.

Os adversarios sinceros e convencidos da vaccinação jenneriana são hoje em numero reduzidissimo: alguns medicos scepticos ou pyrrhonicos, — e o escasso batalhão dos positivistas orthodoxos. O nome de Jenner é hoje universalmente conhecido e amado. A gratidão dos homens a esse homem está perpetuada em monumentos que se levantam em todas as cidades cultas.

O que impede a vaccinação em massa do povo do Rio de Janeiro não é a descrença na efficacia da vaccina. E' uma preguiça moral, — e, ao mesmo tempo, este ironico scepticismo, este sereno desprezo do perigo, esta despreocupação das cousas amedrontadoras que formam o fundo e essencia do nosso caracter nacional. Até certo ponto, isso não é vicio: é virtude. Não somos um povo de medrosos nem de supersticiosos... Mas é preciso não exagerar essas qualidades, que facilmente podem degenerar em defeitos gravissimos. Desprezar a morte é bello. Muito mais bello, porém, é amar a vida.

E, aqui, não se trata sómente de amar a vida. Trata-se tambem, para as creaturas bellas, de conservar a belleza. E a belleza humana é um presente divino, uma rara dadiwa de valor inestimavel, que deve ser presada como o maior dos thesouros, — thesouro maior do que a riqueza e maior do que a gloria.

Afinal, pouco importa que uma creatura feia fique mais feia ainda, depois de picada por uma variola benigna.

Mas a variola não faz selecção de victimas. Tanto ataca Adonis, como ataca Quasimodo. Tanto fere Venus, como fere Atropos ou Lachesis.

E' horrivel pensar que qualquer destas lindas mulheres (tantas e tão lindas!) que são o orgulho e o encanto do Rio de Janeiro, está exposta, por falta da vaccina, a ficar com a face devastada pelas bexigas que se transformam depois da sécca em buracos arroxeados; e não é tudo: o exanthema voraz rõe os labios, come as azas do nariz, fura e devora os olhos... E' horrivel!

A melhor propaganda a favor da vaccina seria esta:

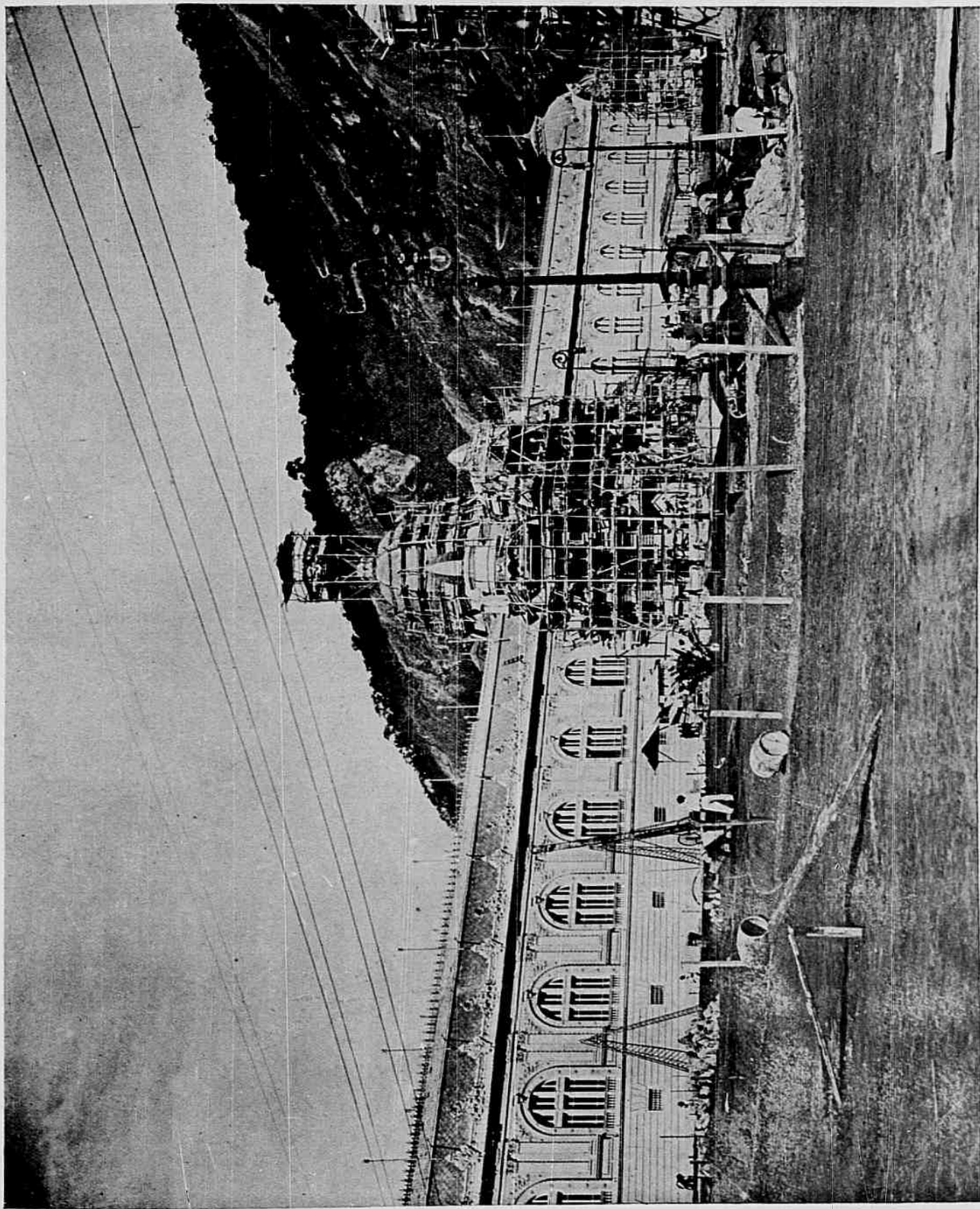
Colocar, em todas as praças e em todas as ruas, cartazes duplos, em que se representasse, de um lado, uma formosa mulher, em pleno viço da mocidade, da saúde e da belleza, e, do outro lado, a mesma mulher afeiada e maltratada pelas bexigas, com a belleza destruida.

O effeito seria fulminante e decisivo. Todas as mulheres correriam a vaccinar-se; e, como as mulheres sempre impõem aos homens a sua vontade, passariam ellas a ser uma propaganda viva do methodo jenneriano, — e em pouco tempo toda a população estaria a coberto do assalto dessa perfida e perversa epidemia...

O. B.



Exposição Nacional



O PAVILHÃO DAS INDUSTRIAS FABRIS



O Veneno Ophidico

O PERIGO OPHIDICO — MEIOS DE COMBATEL-O —
AS COBRAS DO BRAZIL — UMA HOSPEDARIA
DE COBRAS EM SÃO PAULO — FABRICO
DOS SERUNS ANTI-OPHIDICOS.

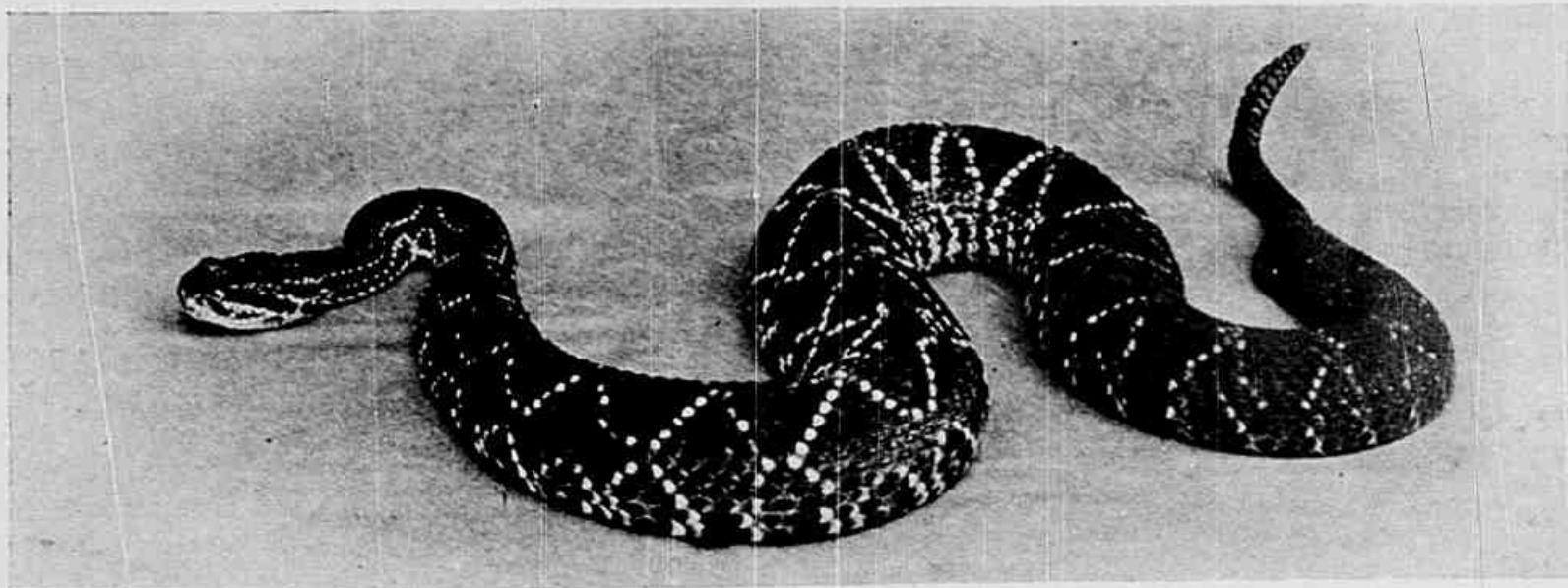
DE SUBITO, dentre a relva espessa, surge o horrendo reptil, arma o bote e, raioso, morde o incauto que se aventura a perturbar-lhe o socego. A pobre victima, sentindo a aggressão, volta-se inquieta e descobre o perfido inimigo, que foge com rapidez, occultando-se no matto. Que fazer então? Se é religioso, o aggreddido recita uma oração, ou pratica um benzimento. Se é um roceiro pratico em remedios populares, bebe alcool, ou amarra com um cordel o membro ferido! Se é um inexperiente e timorato, apavora-se, perde a calma e brada por soccorro, nem sempre possivel. Mas tudo isso de nada vale: os effei-

tos não tardam a aggravar a tortura do doente. A garganta, resequida, fica como preza, não podendo engulir a saliva: é o principio da paralysisia. Por fim, a vista se turva e as forças se abatem por completo, denunciando um desfecho fatal.

Qual o remedio que devemos empregar nesse caso, neutralizando a aggressão dos terriveis reptis, que tanto concorrem para que, no Exterior, nosso bello paiz seja considerado uma terra inhospita e terrivel?

* * *

Desde os tempos mais antigos, são recomendados muitos remedios contra mordeduras de cobras. Ficaram famosas as bruxarias ensinadas pelos Psyllas, que, alem de possuirem o dom de chamarem cobras, se consideravam immunes contra a peçonha dos reptis. Na flora quasi podemos contar as plantas que não foram indicadas para tal fim; porém todas ellas, como já havia provado Fontana na Italia, não tinham valor nenhum. Na chimica o permanganato de potassio e o chlorureto de ouro, os



N. 1 — CROTALUS TERRIFICUS, (CASCAVEL, BRICININGA)

tos mortaes do veneno ophidico vão se fazendo sentir cada vez mais graves.

Após a mordedura, não vê a victima senão dois orificios pequenos no lugar onde as agudas prezas da cobra penetraram e algumas gottas de sangue que sahem. Minutos mais, porém, principia a sentir na região mordida uma forte dôr, que se vai estendendo por todo o membro. Começa este a inchar mais e mais. Depois apparece uma fraqueza geral, denunciando que o veneno toma conta do organismo. Vem logo a hemorragia pelo nariz e pela ferida. Um frio intenso sóbe das extremidades e se estende sobre todo o corpo, como que avisando que a morte se aproxima. Os vomit-

mais empregados, foram aconselhados como os melhores; mas, depois das experiencias feitas em laboratorio, se demonstrou que nenhum producto chimico tinha o poder de neutralisar o veneno, uma vez inoculado.

Como reconhecia o sabio Wucherer em 1867 (1) tampouco possuem valor certas pedras que gozam da immerecida fama de atrahir ou sorver rapidamente o veneno. Redi, com as suas experiencias, feitas diante do Gran Duque da Etruria, mostrou que as mencionadas pedras não tem essa maravilhosa virtude, assim como já havia feito Fontana a respeito

(1) Gazeta Medica da Bahia, 1867.

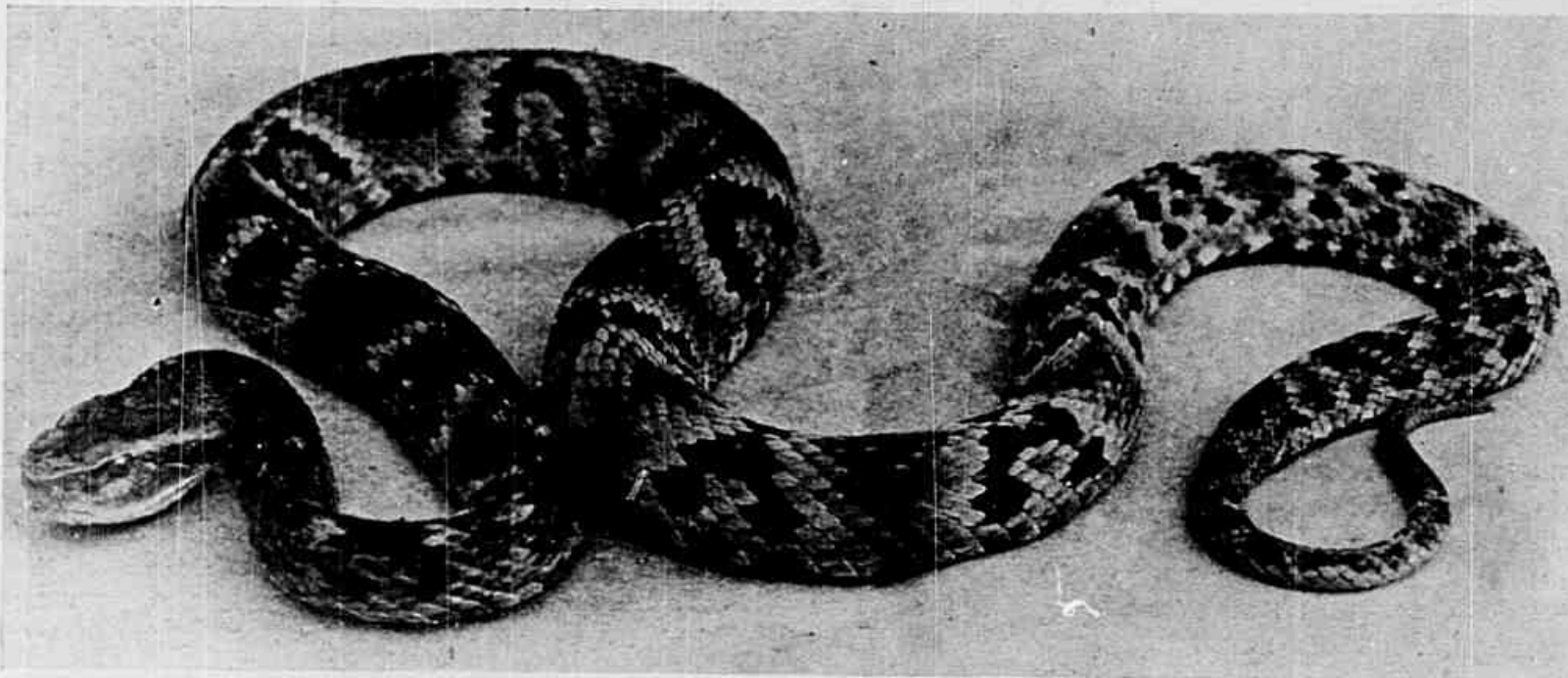


de ossos calcinados, empregados com identicos intuitos.

Tanto essa impotencia de bruxos, naturalistas e medicos, para combater o envenenamento ophidico, era verdade, que o padre Anchieta, canonisado por possuir como uma

se algumas vezes escapam á mordedura de uma cobra, e sendo novamente atacados, não só não correm perigo, mas tambem soffrem muito menos dôres; o que mais de uma vez experimentámos.» (1)

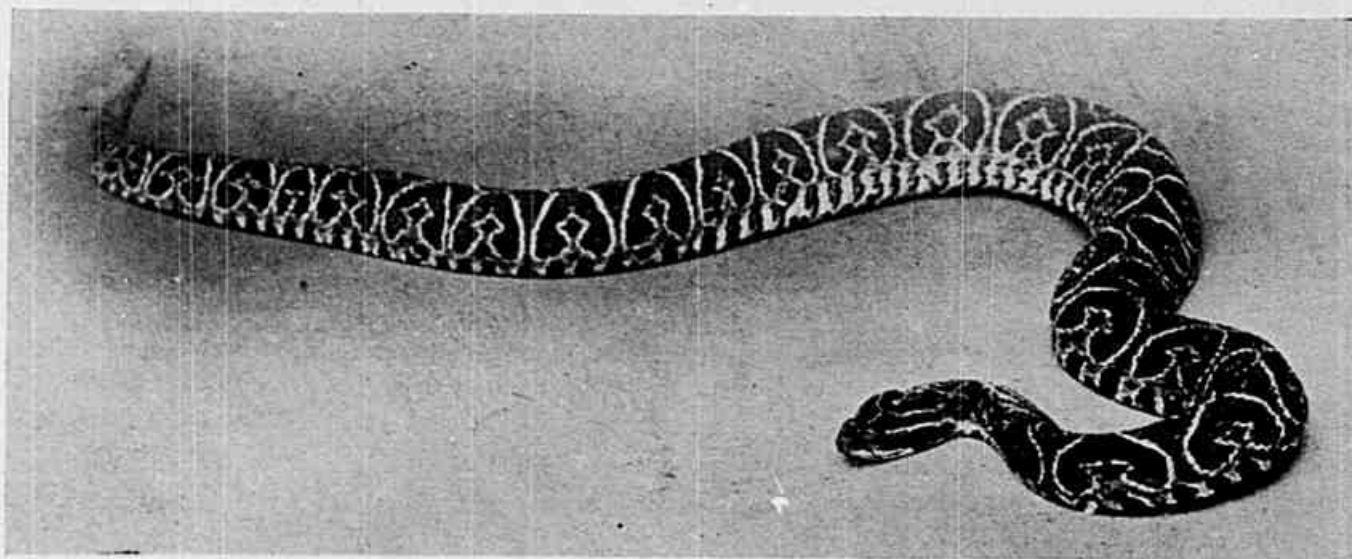
No Mexico, na America Central e na Africa



N. 2 — LACHESIS LANCEOLATUS, (JARARACA, JARARACUÇÚ)

das suas virtudes a de curar mordeduras de cobras, assim dizia: «No meio, porém, de tão grande e tão frequente multidão, o Senhor nos conserva sãos e salvos, tanto mais porque em nenhum contra-veneno ou remedio humano confiamos; porém só em Jesus Nosso Senhor, que é o unico que póde valer para que ne-

tambem é vulgar essa crença de que as pessoas mordidas por uma cobra se tornam resistentes ao veneno. E era costume mesmo, entre os selvagens d'essas regiões, inocularem-se com peçonha por meio de dentes de cobras, afim de adquirirem resistencia contra futuras picadas de serpentes venenosas



N. 3 — LACHESIS ALTERNATUS, (URUTÚ, CRUZEIRO, COTIÁRA)

nhum mal possamos soffrer, mesmo caminhando por cima dellas.» (1)

Sem embargo, o veneravel thaumaturgo já reconhecia que «entre os indios acontece que

maiores e muitas vezes mortaes.

Em 1894 Phisalix e Bertrand e depois Calmette vieram confirmar as experiencias precedentes com factos positivos verificados em la-

Em 1887 Sewall e Kaufmann confirmaram scientificamente essas praticas, mostrando que, quando se injectavam pequenas doses de veneno em animaes muito sensiveis, capazes de provocar accidentes graves, elles supportavam doses

(1) Cartas ineditas do Padre José de Anchieta traduzidas do latim por João Vieira de Almeida.

(1) Contos ineditos do Padre José de Anchieta.



boratorio. Provaram então que se podiam tornar os animaes resistentes ao veneno e que o sôro d'esses animaes tinha poder curativo sobre o envenenamento ophidico.

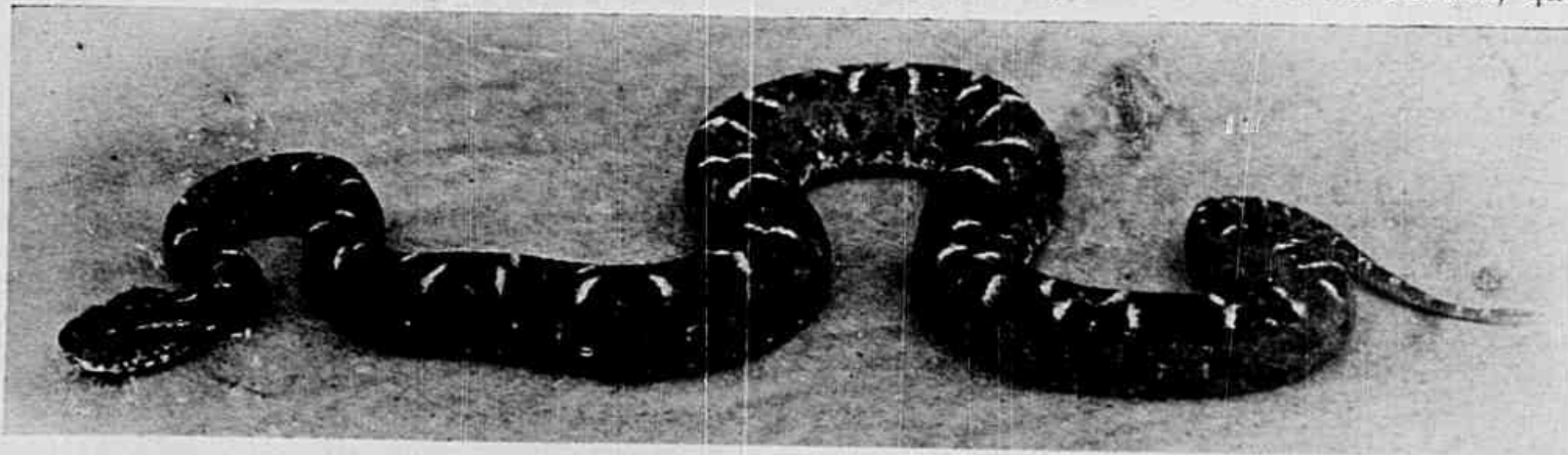
No Brazil o Dr. Vital Brazil, que em Botucatú estudava tambem o ophidismo e as nossas cobras desde 1896, num relatório apresentado em 1898, ao Director do Instituto Bacteriologico de São Paulo, dava os resultados obtidos em relação á especificidade dos seruns sobre os dois typos de veneno. Depois publi-

Desde então este conhecido cientista realizou grande numero de experiencias em tal



N. 4 - LACHESIS ATROX, (JARARACA, JARARACUÇÚ)

sentido, de modo a deixar fóra de duvida a efficacia desse processo curativo. E em 1901 entregava os primeiros tubos de serum, que



N. 5 - LACHESIS NEUWIEDII, (JARARACA, URUTÚ)

cava sobre o assumpto varios artigos na *Revista Medica de São Paulo* (1) e realisava uma conferencia em 1.º de Dezembro de 1901, na Escola de Pharmacia da Capital Paulista. E em

viria salvar milhares de vidas tão caras e que tantos serviços póde prestar á nossa patria, á medida que se fór tornando conhecido.

28 de Junho de 1903, n'uma memoria, communicava ao Quinto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia que o unico remedio capaz de curar uma mordedura de cobra era o serum especifico.



N. 6 - LACHESIS JARARACUÇÚ, (JARARACUÇÚ, URUTÚ DOURADO, SURUCUCÚ TAPETE)

No nosso paiz é grande a quantidade de ophidios, havendo não pequeno numero de especies peçonhentas que determinam numerosos accidentes entre as pessoas que trabalham na lavoura.

As especies venenosas mais abundantes são as seguintes:

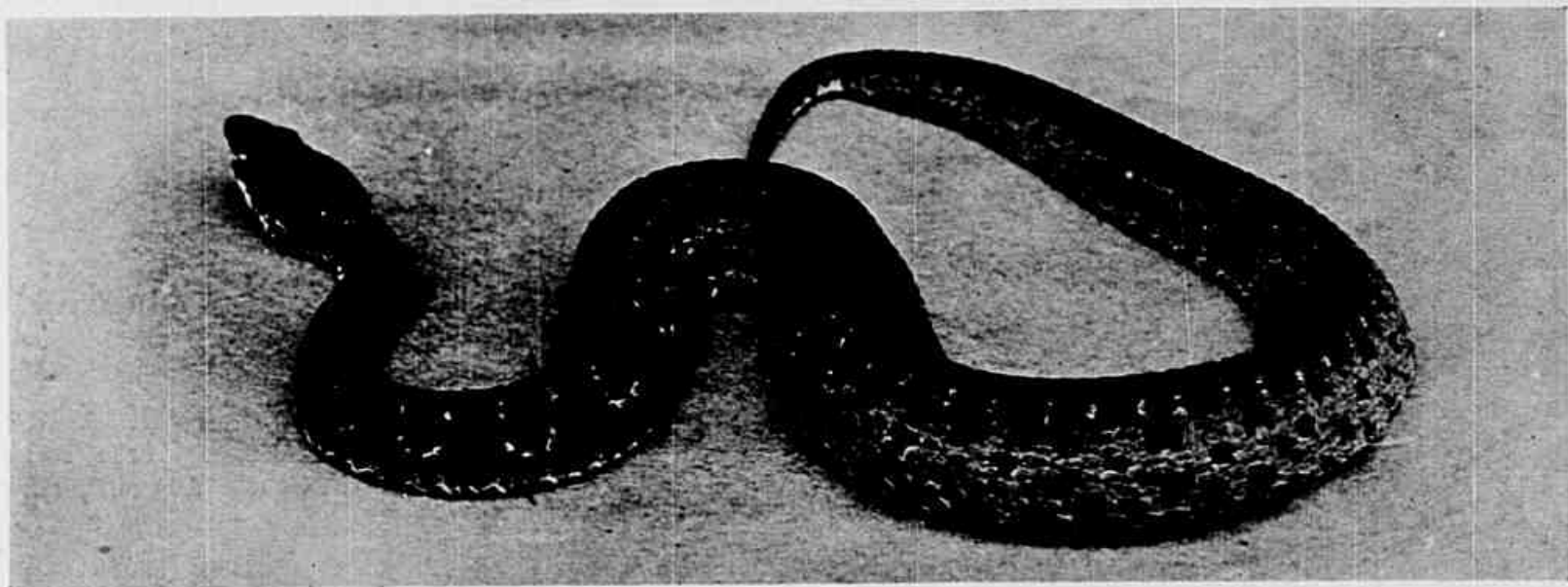
Lachesis mutus — surucucú, surucucú bico de jaca, surucutinga; *Lachesis bilineatus* — surucucú

(1) Revista Medica de S. Paulo: Anno IV, ns 15, 17 e 21; Anno V, n. 2; Anno VI, n. 13 e Anno VII, n. 2.



patioba, especie que, como a precedente, habita nos Estados do Norte, no Rio de Janeiro e de Minas Geraes; *Elaps corallinus* — cobra coral;

Estudando a peçonha das cobras brasileiras, o Dr. Vital Brazil, verificou que as propriedades toxicologicas variavam. Por isso, dividiu as



N. 7 — LACHESIS ITAPETININGA, (COATIÁRINHA, BOIPEVA)

Elaps frontalis — outra especie de coral; *Crotalus terrificus* — cascavel ou boicininga, do Norte ao Sul do Brazil; *Lachesis lanceolatus* — jararaca, jararaca preguiçosa, é a mais commum; *Lachesis jararacuçu* — jararacuçu, urutú dourado, surucucú-tapete, do Estado do Rio; *Lachesis alternatus* — urutú, cruzeiro, ou coatiára, habita do Norte ao Sul; *Lachesis neuwiedii* — tambem chamado urutú; *Lachesis atrox* — jararaca (uma especie mais rara); *Lachesis Itapetininga* — coatiárinha, boipeva, encontrada no Estado de São Paulo.

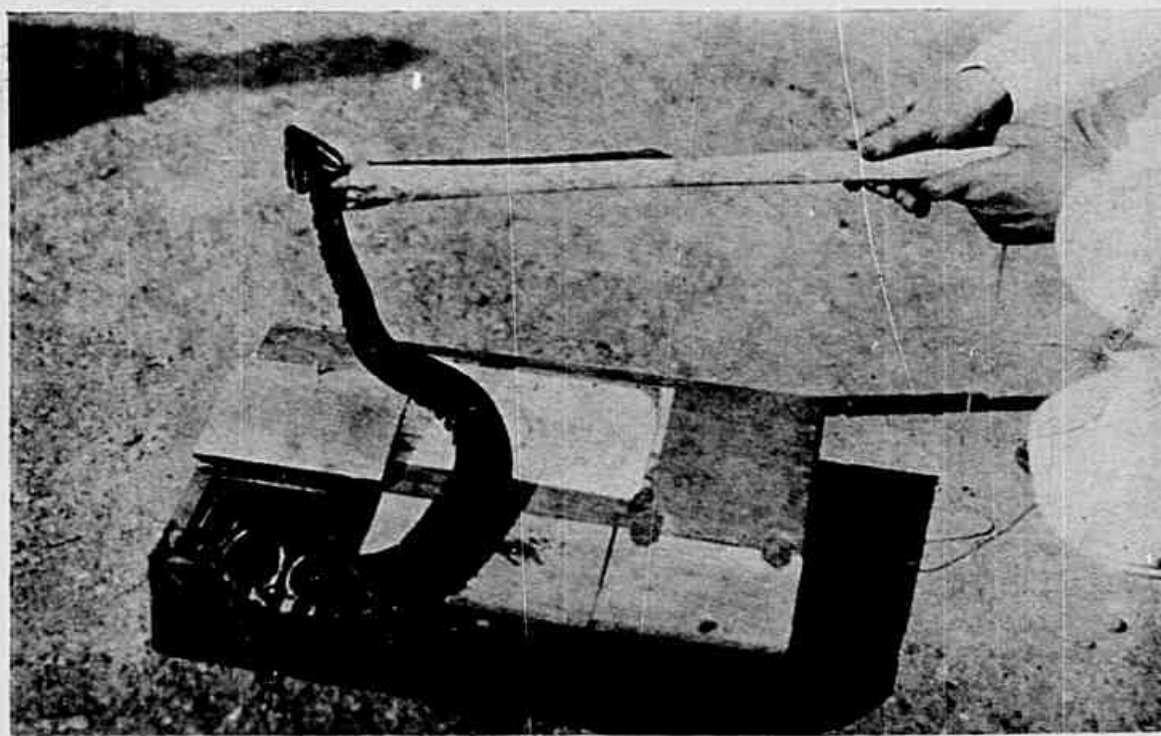
Esta ultima cobra é uma especie muito rara, classificada pelo Dr. Vital Brazil, que a mandou depois para o *British Museum*, o qual confirmou a classificação e o nome dado.

Das especies acima nomeadas, as 7 ultimas foram estudadas no Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo, em Butantan. Ali se verificou que a cascavel é uma das cobras mais perigosas, por possuir um veneno muito activo. Tambem se notou que a jararacuçu é igualmente temivel, por ter grande quantidade de veneno.

O veneno das *lachesis* é amarello, excepto o da *Lachesis Itapetininga*, que é branco leitoso, como da cascavel.

principaes peçonhas brasileiras em dois typos: o crotalico e o bothropico.

Por experiencias numerosissimas, certificou-se de que o serum dos animaes immunizados contra um desses typos não revelava acção preventiva ou curativa contra o envenenamento por outro typo. E assim chegou á conclusão de que era necessario preparar as seguintes qualidades de serum:



N. 14 — CAIXA PARA TRANSPORTE DE COBRAS

Serum anti-crotalico, applicado nos casos de mordedura por cascavel.

Serum anti-bothropico, aconselhado nos casos de mordedura por jararaca e urutú.

* *Serum anti-ophidico*, fornecido por animaes immunisados com a mistura de todos os venenos, sendo indicado nos casos em que não for conhecida a cobra e especialmente nos accidentes determinados pelo jararacuú.

* * *

Para o preparo dos seruns existe em São Paulo um instituto especial, sobre a direcção do Dr. Vital Brazil. Fica situado em uma bella chacara, acerca de 9 kilometros da Capital, denominada Butantan, á margem esquerda do Rio Pinheiros, occupando uma area de cerca de 4.250.000 metros quadrados. As velhas construcções que ahi existiam foram apropriadas aos fins do Instituto e acrescidas com outras novas, como uma esplendida cocheira enfermaria.

Primitivamente creado para o fabrico do serum anti-pestoso, esse estabelecimento foi logo confiado, em 1899, ao Dr. Vital Brazil, que já exercera o logar de ajudante do Instituto Bacteriologico. Seu fim é preparar, além dos seruns anti-ophidico, o anti-diphtherico, o anti-pestoso, a vacina anti-pestosa, a tuberculina bruta e T. O. A., bem como realizar estudos scientificos sobre serumtherapia em geral e bacteriologia.

* * *

Para o fabrico do serum anti-peçonhento, o Instituto resolveu appellar para os sentimentos humanitarios dos fazendeiros paulistas. Pediu-lhes enviassem toda e qualquer cobra encontrada em suas fazendas. De tal arte conseguiu numerosos contribuintes, com os quaes mantem correspondencia.

O Instituto organisou um serviço em ordem a facilitar tudo ás pessoas que quizerem remetter-lhe cobras. Assim é que manda laços proprios para apanhar os ophidios e caixa para a remessa, sendo o frete gratis em todas as estradas de ferro.

Para pegar-se uma cobra, procede-se como o indica a figura ao lado e colloca-se o reptil

na caixa. Põe-se então um papel impresso fornecido pelo Instituto, com o endereço. Feito o que só resta apresentar o volume a estação de qualquer estrada de ferro, para vir ter ao destino.

Em troca de cada cobra, o remetente recebe um tubo de serum, e por seis cobras uma seringa propria para injeccão.

Chegadas as cobras ao Instituto, são postas em viveiros especiaes — uma verdadeira hospedaria de centenas de reptis. Ahi vivem muito tempo, embora no inverno morram ás porções.

O mais curioso, porém, é que estes ophidios, de digestão muito lenta, passam grandes espaços de tempo sem se alimentar. Alguns ha que pódem passar um anno sem terem comido e bebido. No captiveiro recusam mesmo tomar qualquer alimento, o que dispensa preocupações com o seu sustento.

Facilmente se lida com as cobras, sem perigo. De movimentos vagarosos, só aggridem quando irritadas.

No Instituto fazem a extracção do veneno de 15 em 15 dias, que é o tempo necessario para que as cobras o elaborem outra vez. O modo de proceder-se a esta operação está bem claro na gravura que illustra este escripto.

Uma jararacuú, a cobra que produz mais veneno, dá em media 1 c. c. Depois seguem-se: a urutú 0,5 c. c.; a *lachesis athrox* 0,3 c. c.; jararaca 0,2 e as outras 0,1 c. c. — inclusive a cascavel.

Uma vez extrahido o veneno, filtra-se-o e se o leva á estufa para seccar. Na media 1 c. c. de veneno liquido fornece 1/3 de veneno secco.

Quando se tem de empregar o veneno em animaes, faz-se uma solução em agua physiologica (sol. de sal de cosinha a a 70/00).

Para o preparo de seruns anti-peçonhentos tem o Instituto 7 animaes; 2 para o serum anti-bothropico, 3 para o serum anti-crotalico e 2 para o serum anti-ophidico. São elles indifferentemente, o burro ou o cavallo.

Para immunisarem-se os animaes que tem de fornecer serum, principia-se a injectar de-



N. 15 — CAPTURA DE UMA COBRA



baixo da pelle doses muito pequenas de veneno e vai-se aumentando progressivamente até chegar-se a doses grandes, sem que o animal sinta.

As cellulas do animal que recebe o veneno digerem-no e fabricam uma substancia que tem a propriedade de neutralisar o veneno; essa substancia é lançada na torrente circulatoria, onde se accumula.

Não se obtem sem alguma difficuldade a immunisação desses animaes, pois ás vezes succumbem durante a immunisação. Alem disso, por accasião de cada injeção, apparecem obcessos enormes, que precisam ser rasgados, drenados e curados.

Depois de um tratamento longo, cerca de um anno de repetidas injeções de veneno e quando se julga que no seu sangue ja tem uma grande quantidade de substancia fabricada pelas cellulas, capaz de neutralisar consideravel porção de veneno, retira-se um pouco de sangue para dozar. Se este mostra-se activo, sangra-se o animal. Depois de cada sangria o serum do animal baixa de um modo extraordinario; então fazem-se novas series de

injecções de veneno, até que o serum adquira novamente a sua actividade.

A sangria é feita com todos os cuidados



N. 16 — COBRIL, COBRAS EM LIBERDADE



N. 17 — EXTRACÇÃO DE VENENO

de asepsia. Retiram-se, em geral, 5 litros de sangue de cada animal. O sangue é colhido directamente em vasos proprios, onde fica durante 48 horas para coagular. Depois o serum é transvasado para as alongas, onde fica durante dez dias, findos os quaes é distribuido em tubos para ser entregue ao consumo. Antes de ser entregue ao consumo o serum é dosado. Quer dizer: verifica-se que elle na dose de 1 c. c. neutralisa a quantidade de veneno capaz de matar 200 pombos.

O movimento de serum tem augmentado de anno para anno. Em 1907 sahiam 2.251 tubos e este anno até esta data ja foram entregues ao consumo 2.184 tubos.

Não ha difficuldade na applicação do serum. Pode elle ser applicado por qualquer pessoa, bastando para isso que siga as instrucções que acompanham cada tubo.

Já são bem conhecidas as experiencias de laboratorio que provam a efficacia dos seruns anti-peçonhentos. Por outro lado, grande numero de communicações recebe o Instituto diariamente de clinicos e pessoas que tem applicado o serum com excellentes resultados não só em pessoas como em animaes montando a mais de duzentas o numero de communicações.

Na Venezuela, na Argentina, no Uruguay, já tem sido experimentado o serum Vital Brazil e agora o Governo do Ceará pediu grande partida para fazer applicação no seu Estado.



De maneira que não ha mais duvida sobre os beneficios que presta o serum anti-ophidico em nosso paiz, cuja população, dedicando-se especialmente a agricultura, é constantemente ameaçada por uma traiçoëira legião de reptis peçonhentos.

Trata-se effectivamente, de um especifico poderoso e certo que restitue á nossa patria

milhares de vidas de valentes trabalhadores que nas mattas tenebrosas implantam o estandarte da civilisação.

S. Paulo, 20 de Maio de 1908.

R. P.



A VIDA DE HOJE

FAZIA frio; eu e Marcio, alçamos a gola avelludada do sobretudo, enfiamos as mãos nos bolsos das calças e partimos, sem rumo e sem destino.

Que iríamos fazer áquella hora?

Marcio, durante o jantar, estivera feroz na sua critica acerba contra a nossa terrivel civilisação.

— E' sempre um povo, dizia elle, que faz soirées da moda, das estopantes sessões dos cinematographos.

Durante o verão, encurrala-se nas salas quentes desses espectaculos suppliciosos e deixa vasia as Avenidas e os *bars*. Queres saber? No Inverno é bem capaz de estar em casa, encolhido nas cadeiras de balanço e de *cache-nez* ao pescoço.

Charutos accesos, regalado o estomago com a fartura daquelle jantar intimo, mais saboroso pela palestra do que pela perfeição dos acepipes, sahiramos do ar aconchegado da sala do hotel, para a friagem da rua, calma e vasia naquella hora da noite.

Somnolentos, á boléa, os cocheiros de fiacres aguardavam a chegada de uma freguezia muito problematica.

Que fazer do resto da noite, quando ainda vinham longe as horas do somno e do repouso?

Procurar a distração dos theatros? Mas são tão pouco commodos os nossos theatros e andam sempre tão vasiaos. Para ver o que? Revistas de Portugal, com toda a critica incomprehensivel para nós, de factos de interesse e de vida locaes? Ouvir traducções mais ou menos espirituosas do lindo espirito francez? Oh! não! Seria melhor andarmos por ahi, trocando pernas, batendo o asphalto das ruas; a não ser que preferissemos ir chorar as desventuras de

Edmundo Dantés, do infallivel — *Conde de Monte Christo*, já ouvidas, já lastimadas nos primeiros annos da nossa primeira mocidade, Marcio tinha razão.

A cidade, a nossa linda cidade, á noite, assim pelas onze horas, é desoladora, é insupportavel.

Os que vão ao theatro, de lá saem anciosos para se verem de novo no aconchego das casas, onde os espera ainda o consôlo patriarchal do chá e do pão quente.

E se procurassemos a alegria nocturna dos Clubs? Oh! os nossos Clubs! Nós não pagavamos, portanto, era nova inutilidade a enfrentar, pois, por alli só se vê a ambição terrivel dos que amam o jogo, tanto que são as mesmas caras que enfrentamos em todos elles, as mesmas sempre. Não ha o desinteresse alegre da folgança e a prova está no isolamento em que ficam as outras salas e na enchente desabalada das da banca.

Um pianista somnolento e honesto, mõe a noite inteira, sozinho, vergonhosamente sozinho, polkas e tangos. No restaurante contam-se os freguezes; e as mulheres que lá vão, pedem-nos, sordidamente, fichas ou cinco mil réis, para atentarem a sorte. Cá fora, na Rua, fecham todos os hoteis, apagam-setodas as vitrines. Dorme-se. E Marcio, na sua eterna indignação exclamava:

— Mas repara se é ou não o que te digo. Quanto mais largas são as nossas Ruas, quanto mais vastas e arborisadas são as nosas Avenidas, mas o nosso povo ás evita, mais procura a casa, mais volta aos seus habitos aldeãos.

Antigamente, debes estar lembrado, nos tempos em que a Praia de Botafogo era suja e escura, em que não se pensava na claridade civilisada da luz electrica e do Bico Auer; quando a nossa viação contava apenas com as velhas e desengonçadas *caçambas de praça* puxadas por esses magros *pangarés* desolados, naquelle tempo, lembraste, ainda havia a troça



ruidosa e caixeiral das visitas ao *Sereia*, aquella popularissima bodega immunda, ao *Clef des Chamys*, lá para as bandas da Rua da Passagem. Mas havia sempre uma troça, symptomas exactos da vida nocturna. O velho *Stadt Munch*, possuia uma linda sala *grenat*, para ceias nocturnas. Os gabinetes particulares da *Maison Moderne*, regorgitavam de pandegos e de raparigas alegres. Estropiavam-se canções em vogas, ouviam-se gargalhadas francas.

Depois dos espectaculos, encontravam-se pelas ruas carros descobertos e essa elegante confusão, de plumas e chapéos de palha, que eram, naquelle tempo, áquellas horas, a nota denunciadora da pandega e a criminosa denuncia do esbanjamento de uma legitima.

E hoje? Estamos aqui debaixo deste alpendre fartamente illuminado, numa linda Avenida, cheia de luz e de arvores, entretanto, repara, estamos aqui os dois; alli adiante, uma familia somnolenta á espera do bond e aquella senhor de oculos e cartola, que veio naturalmente do Instituto Historico e tambem vae para casa.

Entretanto, ainda é meia noite.

Os fiacres formam uma fila somnolenta; e aquella casal que alli vae, naquelle automovel, ella agitando o escandalo das suas grandes plumas brancas e elle expondo o *smartismo*, do seu vestuario, que te parece? Um jovem par recémcasado em passeio de desfastio e de idyllio, não é?

Pois enganas-te. Elle, afaga a esperanza de uma grande legitima e frue, por emquanto, as gordas mezadas paternas e ella, se não me engano, é cancanista do *Moulin*. Repara como vão respeitosos e aprumados; é que nenhum deseja, talvez, amarrotar a roupa ou comprometter-se.

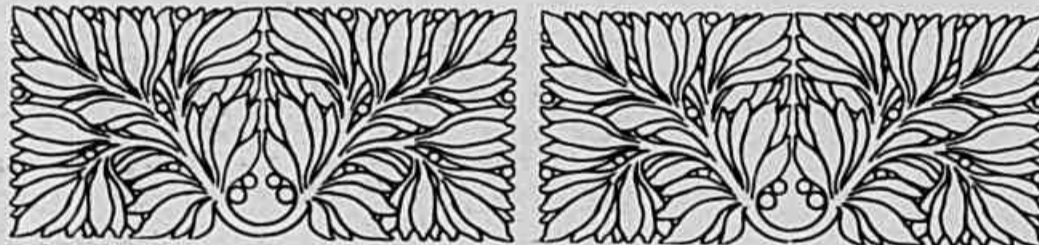
E' o aspecto exterior da vida de hoje aqui.

Não ha duvida, meu caro, o Rio civilisa-se, não vês?

.....

E tomamos o bond, rumo de casa, que o frio augmentava e já se fazia tarde.

MARIO PEDERNEIRAS.



Um Retratista Esquecido

O PINTOR DA CÔRTE DE LUIZ XV

NÃO sei por que motivo ou com que fundamento plausível a maioria dos escriptores, que se occuparam da pintura no seculo XVIII, parece desprezar um dos artistas mais queridos, mais destacados no reinado de Luiz XV, tal foi Nattier, o retratista da familia Real.

E, no entanto, na sumptuosa obra de Jules Mansard, nesse vasto palacio de Versailles que é um attestado do esplendor do *roi soleil*, e onde Guilherme I da Prussia, imperador d'Allemanha, dormiu nas vesperas de invadir Paris em 1870, deixando nas cortinas do seu aposento um insulto grosseiro á França fulgurante, segundo nos contam os Goncourts, nesse rico palacio da famosa «galeria dos espelhos» nem um artista foi mais admirado e animado do que Nattier, hoje esquecido, e por quem os escriptores não se dignam de occupar as suas pennas!

E' estranho o silencio em que o sepultam.

Nattier viveu de 1685 a 1766, isto é, durante quasi todo o reinado de Luiz XV terminado como se sabe, 1774, e mais dois annos do que a marquezia de Pompadour, cujas graças não logrou conquistar.

Em principio da sua carreira artistica apresentou-se como pintor historico, expondo em 1718 um quadro que está, actualmente, no museu de Tours, tendo por titulo *Phinée et ses compagnons changés en pierre*, quadro que é realmente mediocre; em pouco tempo, porém, mudou de rumo na sua especialidade e fez-se retratista.

Os seus primeiros trabalhos, nesse genero, foram os retratos da princeza de Lambesc figurada em Minerva armando cavalleiro a seu irmão, o conde de Brionne; e de Mme. de Chateauroux representada em Aurora.

Essa novidade, aliás já usada por Nocret, causou grande successo na côrte imaginosa de Luiz XV, e logo pegou a moda dos retratos figurados. Não houve dama elegante e d'alta linhagem que não pretendesse guardar a recordação da sua mocidade em tão bellos disfarces.

Mme. de Flavacourt fez-se retratar em Silencio, Mlle. de Clermont em deusa das Aguas

e da Saúde, e outras em nymphas, em genios bons ou maliciosos, que eram escolhidos por vontade propria, ás vezes contradictoria com o typo da retratada.

A grande habilidade, o *savoir faire* de Nattier encarregava-se de ageitar a presumpção das escolhas á vaidade de cada pretendente. E assim a sua arte conquistou rapida e ruidosa accepção.

A rainha Maria Leczinska conservava, nesse tempo, ainda alguns traços da sua belleza septentrional, não era mais o modelo de Guillaume Costou, que a fizera em marmore, vestida á grega, com a perna esquerda descoberta até o alto da coxa; mas, não lhe faltava a distincção, a *alture*, a delicadeza da côr e do sem-



MARIE LECZINSKA

blante para um excellente retrato. Nattier, ajudado por sua importante clientela, conseguiu fazer essa obra, que o preocupava, que era a sua maior ambição e com a qual previa o successo garantidor dos seus almejos.



Desde então Nattier foi considerado o retratista da família real. Estava feita a sua fortuna.

O bellissimo retrato da rainha, que é um corpo inteiro e sobre um largo fundo de magníficos pannejamentos, foi em verdade, uma obra feliz. A attitude, d'algum modo melancolica, a fineza do colorido, a harmonia dos tons, o asseio e segurança do desenho, fizeram desse retrato um dos quadros mais encantadores da sua época. Elle prende e seduz. E' uma obra sentida, em que o artista pôz em evidencia toda a sua habilidade para uma victoria de que dependia o seu futuro.

E obteve-a francamente.

Vieram-lhe, por tanto, os retratos de *Mesdames*, das filhas de Luiz XV, que Nattier pro-



MADAME INFANTE, FILLE AINÉE DE LOUIS XV

curou tratar com o mesmo carinho do anterior, levando a vantagem dos recursos dados pela idade das princezas.

No primeiro que lhe foi encommendado elle teve o ensejo de fazer uma obra fóra dos

moldes do tempo. Foi o de *Madame Infante*, a filha mais velha do rei.

Nattier retratou-a em vestes de caça, em tricornio de feltro e arminhos admiravelmente posto sobre a cabelleira crêspa, luvas á mão, e é preciso dizer-se que suas mãos constituem, só por ellas, uma belleza no quadro; junte-se a isso, a esse bizarro costume que vestia caracteristicamente *Madame Infante*, um colorido sadío, um pouco grosso, espesso, mas, estranhamente de accordo com o seu character voluntarioso.

«*Madame Infante*» tem ali o quer que seja de masculino, de audacioso, que era bem a sua natureza.

Apenas terminada essa obra, Nattier recebeu a encommenda do retrato de *Madame Henriette*, que se quiz vêr em typo de Flora, ao qual, não se póde contestar, se approximava a sua belleza leve e gracil.

Aqui temol-a nessa imagem e vendo-a, na leveza de suas gazes, que a envolvem indiscretamente como fólhos de nuvens do Olympo, cercada e coroada de flôres rusticas, toda fresca de mocidade, supponmos que ella não podia ser outra que a deusa da Primavera.

E que Primavera! Foi *Madame Henriette* que, n'ausencia da Infante, se transformou em verdadeira rainha de Versailles. Dizem os historiadores que esse curto reinado não teve os encantos da estação florida, *Madame Henriette* era uma tyrannasinha, mas, nem por isso o rei, o grande mulhengo que foi Luiz XV, queixou-se do seu dominio de senhora absoluta.

Luiz XV estimava tanto ás mulheres que até em suas proprias filhas via a mulher. O quanto elle embirrava com o filho se desfazia em meiguices com as filhas. Era da sua natureza.

Imitando a irmã, *Madame Adelaïde* escolheu tambem um typo de deusa, foi o de Diana.

Nattier fêl-a uma Diana Caçadora capaz de endoudecer todos os Acteons da França e do estrangeiro. Comprehende-se que *Madame Adelaïde*, ao escolher o

typo da filha de Jupiter e de Latona, não teve em vista affirmar a sua castidade eterna...

Tambem foram retratadas Mmes. Victoire, Mlle. Luise, a caçula, e graciosissima Luiza, de cujo retrato dizia a rainha a duqueza de Luy-



nes: « Les aînées sont belle réellement, mais je n'ai rien vu de si agreable que la petite; elle a la physionomie attendrissante... touchante, douce et spirituelle... »

— e mais os retratos de *Madame Sophie* e da duqueza de Orleans.

Diante dessa galeria, que em parte *Kósmos* reproduz, na impossibilidade de reproduzir toda ella, que não é pequena, diz a gente aos seus botões: Realmente, esse voluptuoso Luiz XV tinha geito para as mulheres, até as filhas sahiram-lhe cada *peixão* de transformar em inferno a cabeça de um pobre homem!

E teriam sido assim, essas *Mesdames*, que reinaram, cada uma por sua vez, por tempo mais ou menos longo, em Versailles?

Aqui é que nos atrapalhamos.

Conta-nos um commentador da obra de Nattier: « Peintes à tous les âges, dans tous les costumes, avec une habilité qui dissimule la laideur des unes et met en relief le charme des autres, Mesdames apparaissent le plus souvent modèles aimables d'un art ingénieux. »

Seria, porém, fastidioso irmos procurar nas memorias do tempo, nem sempre confiaveis, qual a bonita ou feia entre essas bonitonas da



MADAME HENRIETTE (EN FLORE)

collecção real pintada por Nattier. Conserve-mos esta illusão, que nos não prejudica, nem mesmo ao interesse historico.

O exacto é que Nattier sabia pintar com uma graça, que bem se distingue do meio dos celebrisados pintores da galantaria do seculo XVIII.

Do arranjado *dés-habillé* dos corpos, em que a linha é sempre elegante e nobre, o artista tirava effeitos de carnação que, ao meu vêr, não são inferiores aos de Boucher, senão na seriedade da technica. Era nisso que estava a falha do pintor da familia de Luiz XV. Para elle não havia modelado; a anatomia em nada o estorvava, nem mesmo ligava attenção ás minucias da luz que fazem viver a carnação. Fazia bonito. A carne de seus retratos, alguns nos lembram pinturas do sr. Decio Villares, era sempre rosea, em sombras suavemente



MADAME ADELAIDE, FILLE DE LOUIS XV (EN DIANE)

azuladas, duma transparencia que parecevidr o e duma frescura que desafia a dos sorvetes. E ali estava, em parte, o segredo do seu suc-



MADAME SOPHIE, FILLE DE LOUIS XV

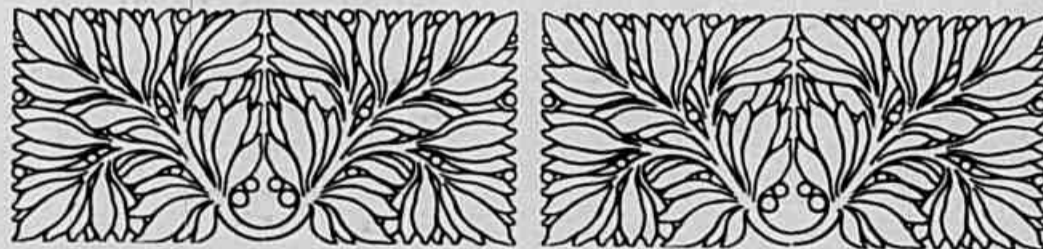
cesso. Tão lindas pinturas deviam fascinar os proprios modelos. Por isso Gresset, que foi um *bon vivant* d'aquelle tempo, e tanto fazia versos com elegancia quanto sabia tirar partido do seu talento, exclamava deante dos seus quadros: *Nattier est l'élève des Graces et le peintre de la Beauté!*

Nem todos assim pensavam. Havia quem o causticasse com o ridiculo e um critico da época affirmava que «a sua maneira só podia agradar ás damas, que não entendiam de arte», mas Diderot, tido como severo, confessava preferir o retrato de Madame Infante a alguns do seu favorito Greuze.

Seja como fôr; o silencio em que se tem envolvido a sua memoria é incomprehensivel, porque elle, se não foi um mestre nem mesmo póde se hombrar com os menos afamados pintores do seu tempo, teve, entretanto, um desenho fino e gracioso, uma pallheta rica, com os quaes inventou decorações lindissimas, fazendo da Natureza eterna scenographia de um paraizo do chic, e contornou e aformoseou todos os corpos femininos que lhe serviram de modelo, dando-lhes uma graça rara, e se isso não bastasse, só o facto de se ter imposto á moda dessa cõrte fulgurantemente frivola, seria a prova d'algum merito.

E é assim que o vejo.

ANDRÉ DE REZENDE.



A MUSA ANONYMA

I

© COSTUMA-SE dizer por zombaria que o Brazil é uma terra de poetas. De facto. Se ser poeta é saber ajuntar algumas linhas rimadas, não ha duvida que vivemos em pleno Parnaso.

Não ha, no campo, um acontecimento que fortemente impressione a alma popular que não encontre logo o seu cantor.

Poetas analphabetos, gravam na memoria uma immensidade de quadras que ao som da viola passam de bocca em bocca, transmittindo a narrativa do facto que as motivou. E é necessario dizer que a reprovação poetica dos crimes do sertão produzem na ingenua alma do caipira maior effeito que as predicas de missionarios viajeros.

A Musa anonyma do campo de que existem tão bellos traços nos trabalhos dos folkloristas patrios é em geral amorosa e terna.

A Musa anonyma das cidades affecta sempre a feição satyrica e em geral procura os assumptos politicos.

As lutas politicas de hoje não tem por mais que o contrario affirmem os que deploram a violencia, os desmandos de linguagem da imprensa partidaria, a intensidade daquellas que travavam os nossos avós.

A colonia viu surgir, nos tempos em que não havia esse vasadouro de odios que é o jornal o maior genio satyrico que já teve o Brazil—Gregorio de Mattos Guerra, que os seus coévos cognominavamos *Bocca do Inferno*—tão ferinos os versos com que ridicularisava a todos e a tudo, não lhe escapando a gentalha, como não poupava os poderosos.

O pasquim é uma instituição nacional por excellencia. Não ha recanto povoado deste territorio tão vasto que o não conheça, ou seja o papelucho dobrado em que a insinuação mortificante se alastra em versos mais ou menos bem feitos, introduzido noite alta sob a porta da pessoa alvejada pela vingança covarde, ou nos celebres testamentos do Judas, em que á irrisão de toda a gente que aguarda na hora da Alleluia a queda do boneco symbolico, se expõe as fraquezas, os defeitos phisicos, os vicios, em commentarios mais ou menos gaiatos, da gente que desagradou a o autor da peça poetica.

Nas cidades ha os *a pedidos* dos jornaes, onde qualquer, mediante o pagamento do espaço que occupa pode dizer do proximo quanta coisa e imaginação lhe suggira em seu desabono.

Nos tempos do Brasil colonia, prohibida a imprensa como vehiculo de idéas perigosas, o pasquim era utilizado largamente e é graças a elle que conseguimos conservar muitos versos, que apesar do perigo dos agentes de governos despoticos, corriam em copias lagarmente feitas que assim se divulgavam, indo ter ao reino mesmo ás vezes quando produziam justificado successo.

Durante o primeiro imperio e no periodo regencial os jornaes proliferaram de um modo assombroso, e entretanto, da mesma sorte, em copias manuscriptas corriam as producções poeticas que apesar da extrema licença que se permitia como nunca a imprensa, verdadeiro pelourinho das reputações não achavam nelles guarida.

A politica era a inspiradora da maior parte dessas producções do estro popular.

Leia-se o seguinte soneto feito durante o primeiro reinado a eminente politico que occupou as mais altas posições na Corte, militar, diplomata, financeiro, de uma familia que varios servidores distinctos deu á Patria:

Escôria da ralé de seus patricios
D'escusa prole, estúpido sargento,
Sem saber, experiencia, sem talento
Hum sordido montão de torpes vicios;

Porem pilhando os tempos bem propicios
Para os burros d'instincto turbulento
Do Brasil no Senado obteve assento
Onde sempre pugnou pelos flagicios.

Tambem foi financeiro! E reformado
No posto de Mar'chal, por abelhudo
Fallido o nosso Imperio ha declarado.

Alto, de pernas finas e pançudo
Tem hù murcho carão d'embriagado
He calvo, desdentado e tartamudo.

Este outro, evidentemente endereçado aos Andradas, que desde 1822 vinham occupando na politica nacional logares em destaque, é ao mesmo tempo tempo uma satyra ao predomínio paulista, representado pelos tres vultos de José Bonifacio, Antonio Carlos e Martim Francisco:

Certo paulista vi, todo arrufado
Mettido em vasto papo reluzente
Que era a roncar zabumba, quando sente
Bater-lhe o forte braço do soldado:

Erão seus pés estranhos ao calçado
Camisa de algodão, jaqué pendente
E ceroulas trajava pobrememente
So comia feijão, milho pisado.



Oh! Que dor me causou miseria tanta!
Mas que pensas sentia o grão papudo?
Dentro, o papo, me diz com voz que espanta:

«Paulista nobre sou, sou cabeçudo
Deste povo, o da Terra da Cruz Santa
Mais rico, mais potente, emfim mais tudo.

Mas não era unicamente o soneto que se utilisava na satyra demolidora e nem sempre esta representava uma vingança politica.

Ja naquelles arredados tempos o que é hoje Conselho Municipal e soffre tantas accusações intitulava-se Senado da Camara e o povo queixoso e desconfiado de sua administração vingava-se em versos.

Assim as seguintes decimas verberavam a desidia municipal, naquelles arredados tempos:

Queixas do Povo a respeito de tantos Edictaes do Senado da Camara.

Ja se não pode soffrer
Tanto Edital do Senado!
Arre com tanto mandado
Faz o Povo aborrecer!
A carne que ha pr'a comer
Está a libra a meio tostão
As ruas q'indignas'stão
Ha de a pobreza limpar
Ou seis mil reis ha de dar
Pela tal condemnação!

Huma Camara a seis annos
Hum Almotacé a nove!
Aqui mysterio s'involve
Que causa ao Povo mil damnos.
Quiz dizer a huns fulanos
Fez-me isto admirar
Hir hum homem arrendar
A renda por quinze contos!
Oh! Meu Deus! Quantos descontos!
Ha de a pobreza pagar!

Arre com tanto furtar!
Arre com tal ladroeira!
Vão roubar á Mantiqueira!
Isto faz desesperar!
Ja se não póde aturar
A hum Cunha, a hum Tendeiro
Hum Barbosa, gatuneiro
Extendendo sempre a mão
E tambem seu Escrivão
A todos, paga o rendeiro.

Elles furtando do Povo
Furta tambem o Padeiro
Furta bem o Taverneiro
Isto não he nada novo;
No que digo nada innovo,

Falo o que verdade he
Estes homens de má fé
Não querem constituição,
Sim no Povo a quietação
Senhor Juiz Almotacé.

Sahiu um novo Edital
Pedindo cousas bem duras
Para o concerto das ruas
Dar o Povo o material.
Nunca em meus dias vi tal
Respondam aqui primeiro
O que se fez do dinheiro
Que pagam seges e carros
E outros muitos agarros
Que o roube o Thesoureiro?

Senhor Juiz Presidente
Deste Senado actual
Não passe tanto edital
Olhe pr'o tempo presente
O povo já descontente
He de V.^a S.^a
Trate-o com mais bizzarria
Se quer ter estimação
Olhe pr'a Constituição
E lembre-se daquelle dia...

A's lutas entre exaltados e moderados nos primeiros tempos de nossa vida independente, parece que não eram indifferentes as mulheres.

Tal é pelo menos o que se colhe da seguinte versalhada, tendente com certeza a moderar as disposições politicas do sexo feminino com o qual naturalmente não concordava o poeta anonymo:

Fugida de minha mulher e vaticinio sobre ella.

A minha Esposa
Desorientada
Por huma sucia
Dita exaltada
Fugiu de noite
Com a veneta
De ser rusguenta
De ser poeta.

Ella que em tudo
He tartaruga
Agil veada
Foi para a fuga
E tanto nisto
Pouco pensou
Que nem comsigo
Trouxa levou.

O mesmo pente
Com que dormia
Que o travesseiro
Todo cobria
Ficou na cama
E mais huns pannos
Que dei de graça
A huns ciganos.

Eu d'alvorada
Accordo ao toque
Viro-me e acho-me
Como S. Roque
Com o meu cãosinho
Fiel ao lado
Que o logar della
Tinha tomado.

Vós já pensais
Que a magoa, a dor
O zelo, a raiva
O pundonor
Fazer-me havião
Dar altos urros
E sobre a cama
Tremendos murros;

Nada meus ricos:
As mãos aos Céos
Ergui depressa
Louvando a Deus
Que me livrara
De um tal *Bemzinho*
Menos amante
Que hum cachorrinho

Bem, que commigo
Não combinava
E que por páos
E pedras dava;
Que resingueira
Me consumia
Deixar saudades
Me não podia.

Desci da cama
E sem demora
Fui á costura
Da desertora
Estava como
Ella ficára
Quando a tres mezes
A começara.

A roupa della
Muito engommada
E ao mesmo tempo
Toda rasgada

Patenteava
Que aquella grulha
Não se cansava
Muito co'agulha.

t- As minhas meias
Com mil buracos
Minhas camisas
Cá nos sovacos
Melhor o mostram
A quem não crê
Jamais as cousas
Se não as vê.

Nas gavetinhas
Achei entulhos
De papeluchos
E mil embrulhos
Com bugigangas
E ninharias
Que os tolos chamar
Galantarias.

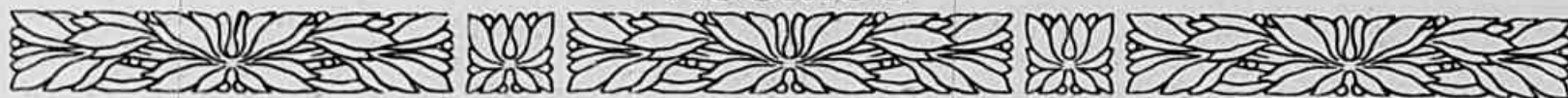
Jornaes sisudos
Ali nenhum
E dos *Simplicios*
Apenas hum
Romances tolos
Achei bastantes
E humas novellas
Ditas *galantes.*

Achei *saudades*
E *semprevivas*
C'humas *perpetuas*
Federativas
Beijos de Venus
Ditos de *Frade*
Nenhuns de *Freira*
Alguns de *Abbate.*

Achei escriptos
De segredinhos
Cheios de cifras
E tres pontinhos (*)
Feitos com tintas
De varias cores
Com ricas tarjas
De lindas flores.

Dizia hum destes:
«Meu Bem rusguento
Se tardas inda
Hum só momento
A vir commigo
Para o *zungú*
Vou ter a febre
De Macacú.

(*) Allusão clara á Maçonaria.



Deixa as ridiculas
Contemplações
Que impõe somente
Aos toleirões:
Se tens marido
Bom e sisudo
E' *moderado*
E digo tudo.

Nos pensamentos
De ti discrepa
Que o leve o Diabo
Mais a carepa;
Homem que sempre
Como eu não pensa,
De estar na terra
Não tem licença.

Vem pois ó cara
A's casas minhas
Aos farroupilhas
Cantar modinhas
Pois brevemente
Nós esperamos
Cantar o nosso
Te Deum laudamus.»

Então da fuga
Vi a razão
E ri-me tanto
Do toleirão
Que como aquelles
Que tem lombrigas
Ao chão dez vezes
Fui co'a barriga.

Eu fico agora
Sosinho em casa
Mas nem por isso
Estou sem aza;
Soffrivelmente
Vou me arranjando
E co'a fujona
Estou mangando.

Por elta espero
Em certo dia
Quando por premio
Da cantoria,
Seus machacazes
Apaixonados
Hão de massar-lhe
Ambos os lados.

Então a tola
A' minha porta
Desfigurada
E quasi morta

Virá pedir-me
Qu'eu a receba
Como se eu fosse
Hum Patoreba

Mas eu mangando
C'hum ar gaiato
Dir-lhe-ei: « Bravo!
Vindes do mato?
Algumas feras
Vos maltrataram?
Ou do quilombo
Vos despojaram? »

« Ah! meu Esposo
Ella dirá,
Perdão vos peço
Não'stive lá
Fiquei na Corte
Co'os Exaltados
Que parecião-me
Homens honrados.

Andei com elles
Por toda a parte
Com faca, estoque
E bacamarte,
Facão, sovela
E certo embrulho
Que tinha dóse
Para o bandulho

Em club, em rusgas
Em assuadas
Gritei com elles
Fiz papeladas
Compuz na lyra
Bellas cantigas
Chamando os povos
A loucas brigas.

Cantei as culpas
Dos *Moderados*
E as mil virtudes
Dos Exaltados
Do inferno aquelles
Assei, nos fornos
Estes, da lua
Botei vos cornos.

Applausos, festas,
Vivas, abraços
Caricias, mimos,
Dos taes devassos
Levei aos centos
Qual cantarina
Sobre o tablado
Feita heroína



Mas como hum dia
Discrepei delles
Juraram todos
Tirar-me as pelles;
Tudo esqueceram
Quanto eu fizera
E me trataram
Como huma féra

De lama encherão-me
Esses masmarros
De mil insultos
E mil escarros,
E eis como ingratos
Emfim deixaram
A que mil vezes
Tanto louvaram.

Ah! Meu Simplicio
Perdão vos peço:
Sei que, culpada,
Não o mereço
Mas vós sois bom
Sois generoso
Sejais ainda
Meu terno Esposo!

Eu venho »..... «Basta
Ja podeis hir,
Dir-lhe-ei logo
Mas sem me rir
A minha porta
Não se abre mais
A toleironas
A Esposas taes.»

«Ah! dir-me-á ella
Fui illudida
Eu vos prometto
Mudar de vida
Foi má cegueira
De pouca idade
Foi desvario
Foi leviandade!»

Então chegando-me
Com um ar mais brando
Mas na sugeita
Sempre mangando
Dir-lhe-ei logo
Quasi na orelha
«Só tendes vista
Depois de velha?»

Quando no viço
Da mocidade
Bradaveis louca
Pela cidade,

Não tinheis visto
Co'os olhos bellos
Feijós e Linos
E Vasconcellos?»

Não tinheis visto
Enxovalhados
Indignamente
Por *Exaltados*
Taes patriotas
Que mil louvores
Ja receberam
Desses Senhores?»

Não tinheis visto
Muitos dos taes
Puxarem seges
Como animaes
Levando os homens
Ora insultados
Por entre applausos
E alegres brados?»

Se não os vistes
Foi culpa vossa
Agora amiga
Ide ao da *Roça*
Pois o Simplicio
Que he Poeta
Quer fazer vida
De Anachoreta.»

«Mas...» «Está dito
Ide com Deus
Ao mundo, á carne,
Ja disse adeus
Nada mais delles
Saber eu quero
La n'outro mundo
Por vós espero.»

Então a dama
Com uma tira
Da saia rota
Ou co'huma embira
Desesperada
Irá ligeira
Fazer de Judas
Numa mangueira.

Por ocasião das lutas pela independencia, na Bahia appareceram versos que troçavam com chiste os inimigos portuguezes.

Por ocasião do mallogro da expedição pelo general Madeira enviada á Ilha de Itaparica entre outros muitos improvisos indignos de publicação por excessivamente crús, appareceu o seguinte.



Mote:

Foi a tropa Lusitana
A' Ilha de Itaparica;
Porém ficaram vencidas
Por causa da Tia Chica.

logo glosado:

João Felix, Paula, Madeira,
Osorio, Costa, Serrão
Decidiram em sessão
Tirar do Burro a caveira:
Almeida, Marques, Pereira
Entram em nova chicana;
Acodem logo o Vianna
E decide incontinentemente:
Marche tudo! E de repente
Foi a tropa lusitana.

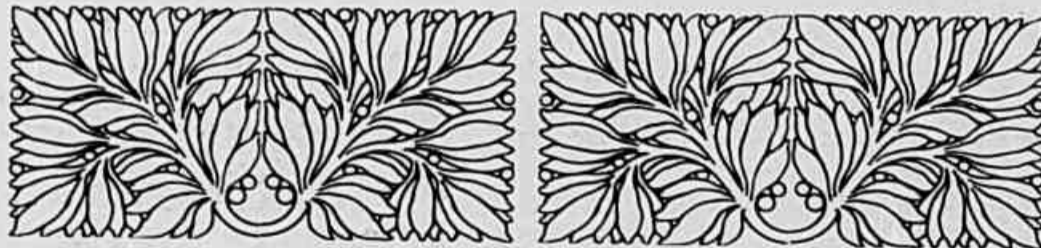
Eis em preces o Madeira
O Deão e o bruxo Ignacio
Quando chega do Palacio
O Xinó Souza Vieira.
Que é isto (diz) temos asneira?
Temem empreza tão rica
Se alguém duvidoso fica
Do successo desta frota
Mandem do Serrão a bota
A' Ilha de Itaparica.

Não temam, acodem o Pombo
De tão certo vencimento
Esperem mais um momento
Verão tudo levar tombo
Mas ah! que pasmo! que assombro!
Chegam áquelles ouvidos
Uns mortos, outros feridos
Apparecem de repente
E' mui forte a lusa gente
Porém ficaram vencidos.

Cae desmaiado o Madeira
Fica tudo espavorido
Grita o Maia, esmorecido
Eu já estou de
Diz o Faria, á carreira
Mandem-n'o já pr'a Botica
Senão algum morto fica;
Desengane-se, é feitiço,
Aconteceu tudo isso
Por causa da tia Chica.

Rio, 1908.

MARIO BEHRING.





O PAIZ CARIOCA

(FRAGMENTO)

NASCEU, verdadeiramente, ali, na orla branca do mar, entre o Flamengo e o Russell, a mais linda terra de Deus sob a gloria do sol e sob a paz das estrellas...

Em frente, estava-lhe a agua revôlta, o mar espoucante e, para traz, terras a dentro, altas e penhascosas, como circuitos de abrigo, como carinhos erectos de defesa, a Guaratyba sylvestre, onde, présto e leve, o pé tapuyo subia, e essa mesma Gloria risonha e essa mesma Cintra empedrada, onde todo um palmar, por sobre o casario alegre da encosta, desgrenha, ao alto, as palmas verdes, ao vento do mar, na pompa da luz!

A' noite, quando fogueiras coloriam a praia, uminosamente sanguineas, para o aquecimento l para os serões, silhuetas esquivas passavam e se moviam, esbatidas na sombra, ao reverbéro dos fogaréos — vultos furtivos de contornos nervosos — um aqui, outro alli, nesse mesmo areial, olhando esse mesmo mar...

Por vezes, um grito partia e era o vocabulo tamoyo cantando um nome, um chamado, na paisagem quieta e na noite fria, taxeadas, em cima, pelo Cruzeiro e pelo cardume das estrellas, e logo a agua espoucava, como um tiro surdo de salva, desdobrando, effervescente, um jaspe liquido e espumoso, phosphorecido de esmeraldas, nas areias claras porejadas de ouro.

Era a Uruçumirim do gentio, a malóca tamoya, na faixa extensa do areial, no debrum branco da agua, a mesma agua, a mesma vaga, o mesmo espumejo claro e a mesma queixa de amor que, hoje ainda, te molha os pés e te canta aos ouvidos, oh! filha doentia da civilização!...

Foi alli o teu berço, o teu verdadeiro berço.

Nascestes em um dia de sol e de sangue — uma manhã de guerra! De um lado os teus: o bronze novo feito carne, a escultura feita corpo, tenázes, tangados, os pequenos olhos luminosos e fitos, brandindo os tacápes, acurvando os arcos que fremiam a vida emprestada e nervosa dos seus braços e dos seus corpos de linhas nobres e finas, encordoados de musculos; e do outro: os de Mem de Sá e os de Estacio, colorindo o scenario, alegrando o odio, afestivando a catastrophe com a polychromia dos uniformes, o rebrilhar das alabardas d'aço e o acenar dos pendões, emquanto, ao largo, as caravellas e os galeões balouçantes — onde, no alvo ventre dos pannos bojados, a Cruz de Aviz dominava vermelha o massacre da ambição e da conquista, como se a colorisse a vergonha

do ultraje — cuspiam a bombarda no ilhéu escarpado em que o francez infiel se batia, acordando o mysterio sombrio, longinquo, da Gavea inhospita e da Tijuca virgem.

Dias depois, subiste o outeiro verdejante em que te installaram acastellada e onde o primeiro fortim de muradas largas, como um cerbéro a te guardar a castidade, ria feróz para a baixada e para o mar, com longos e agudos dentes mortiferos de bronze. E Sebastião, o moço bemaventurado que a fé christã e o martyrio sagraram, dignificou-te com a purificação da sua benção e, engrandecendo-te com a gloria do seu nome, santificou os braços da tua heraldica de cidade com as penetrantes settas que lhe deram, outr'ora, a morte para a carne e, para a alma, o Céu.

Em pouco, foste descendo o comoro alto e te espraiaeste na baixada larga. Os primeiros tectos recuaram a matta, mondaram os caminhos, margearam os alagadiços, formaram as rueillas, abriram as clareiras que deviam ser, depois, as praças, e tu foste avançando, como uma branca luz, ampla e silenciosa, penetrando a sombra...

Um dia te vestiram os ouropéis do vice-reinado. Começaste a ser grande e fórte. Fazias-te moça. Os teus nervos de mulher experimentaram as primeiras crises. Assististe os primeiros motins populares, as primeiras revoltas e, a quando e quando, por entre o vozerio da bocca rebelde, ouvias, attonita, o estrépito metallico dos mosquetes. A tua belleza e a tua pouca idade attrahiram o pirata, o corsario audaz, em busca da tua conquista e dos teus brocados. Viste os primeiros bispos e as primeiras côrtes e foi, então, que ao aceno da mão amiga, prodiga, robusta e constructora de Gomes Freire, o casario começou a ennobrecer e a se altear, os primeiros monumentos surgiram, as primeiras instituições se crearam e, pela cálha estreita do aqueducto colossal, veio ter á tua bocca sequiosa o refrigerio da agua murmura e limpida, essa agua salutar e bemdita de Deus, chorada pelas pedras altas do teu collar de montanhas. Principiaste a ter o conforto, a ter o preciso para que a arte e a galanteria penetrassem, trazidas pela fidalga mão enluvada de Luiz de Vasconcellos, num gesto nobre e educado de minueto, sustendo o largo chapéo emplumado á outra mão apoiada na cruz lavrada do seu esguio espadim de côrte que, erguido atraz, lhe elevava a capa.

Civilisavas-te. Até já tinhas vicios e, talvez, para te penitenciares, te fizeste exageradamente catholica: as ordens pullulavam, os mosteiros e os conventos grimpavam as encostas, mandaste elevar e acender nichos publicos nas esquinas, as procissões se cruzavam nas ruas, as tuas melhores festas eram nas igrejas e, nos



domingos e santificados, não te esquecias de ir, em cadeirinha ou em sége nobre, aos officios, occultando, mas, ás vezes, com maliciosas e pequenas abertas, deliciosamente indiscretas, de esquecimento ou de desazo fingidos, o encanto do teu rosto, a bregeirice dos teus olhos negros e o onix lustrino do teu cabello na escumilha fina e cheirosa de uma mantilha das Indias, como o ciume do céu, occulta, ás vezes zeloso, o perfil elevado da tua Tijuca e a belleza grimpante do teu Corcovado no espumillo leve e flocoso das nuvens brancas.

E assim foste. E um dia veio o rei, com a pompa dos sequitos, a refulgencia das pedrarias, a macia caricia colorida das sêdas e das cachemiras brancas e a fascinação dos cochets reaes encastoados d'ouro e de prata antiga — elle proprio, pusillanime e bom, indeciso e justo, infeliz e calmo, foragido, cercado da côrte antagonica, aulica, frivola e devassa, banido da terra e do amor e apuado pela impudicicia que se coroava cynica com o seu proprio diadema e se rebolevava lasciva, insaciavel, no seu proprio leito.

Em meio do ruido, envolto pela frivolidade, se achegava aos filhos e era como uma sombra solitaria entre Barca e Linhares, os condes ministros.

E o solitario, então, te amou. Ungio-se com os teus carinhos e os compensou com os seus.

Tu foste o balsamo da sua dôr, o consolo da sua tibiesa e a comprehensôra da sua bondade.

E os teus desvelos operaram o milagre: crearam-lhe o autonomia serena da vontade, o vigor tranquillo das resoluções. Banio do seu leito o ultraje, afastou-o e, depois, cuidou de ti que lhe foste mãe e amada dô seu amor: prodigalisou-te os bens, firmou as cartas régias que te engrandeciam e te embellezavam, abrio-te as escolas na gamma toda do ensino, presentou-te com as bibliothecas preciosas, ornamento os logradouros, deu-te as artes novas entregando-te os artistas fulgentes do mundo gaulez vindos ao seu chamado, deixou calir das suas proprias régias mãos, no bucolismo de um dos teus recantos risonhos, o germen dos teus palmares triumphaes de hoje e dos teus mangueiraes de agora, vetustos e umbrosos, que na paz dos teus sylvestres remansos, têm o sombrio, o indisivel, o magestoso mysterio dos bosques sagrados, e aspergio, porfim, a tua terra fecunda, ainda virgem, dessa sementeira do teu futuro d'ouro: o café aromado.

.....

LIMA CAMPOS.





MATTO GROSSO

I

Governar um paiz é, em geral, a aspiração commum á todos os que militam na politica. E não ha quem, assim pensando, não se julgue o *nec plus ultra* da sabedoria. Cada politico, por si, seria capaz de levar á gloria a sua terra, torna-a a primeira entre as primeiras, collocal-a nas nuvens, acima de toda e qualquer possibilidade de ser attingida na concurrencia mundial ou, para dizer a verdade, chãmente, na lucta pela vida — das nações.

Não prestam os Governos presentes; tudo mal feito, não há uma linha definida e segura, não ha um conjuncto de factos demonstrando um *plano* sábio, provando o homem necessario do momento.

“Analysae, pesae o que se fez, o que se faz, diz o grande homem, tudo mostra o descabro, a ruina, a desorientação no caminho adoptado!” E é de ver as sommas de argumentos dispendidos nas discussões das pequenas rodas dos *five ó clock*; o brilho da exhibição feita das razões de estado, nas soirées dos *chefes*; as sensações, as grandes sensações dos discursos, nas assembléas em que se fabrica a LEL.

Ah! Os chefes, então os chefes?! Esses que escolhem a dedo o *candidato accitavel*, esses que se

arrogam a acuidade vulpina de conhecer o que *poderá fazer* Fulano ou Beltrano n'um certo *Futuro*, toda essa grey sabe como ninguem, póde como Jeovah e governa com a segurança do movimento universal...

Satisfaça-se, porém, o patriota desabalado, o politico astuto, a sumidade *remplie de soi même*; dentro de pouco reboia a vozeria denunciadora do mesmo processo de sempre, ou do eterno *principio* que move toda essa engrenagem de aptidões e que se póde traduzir no *«ote toi de lá pour que je m'y mette»*.

Que spectaculo curioso nos offereceria o mundo se fosse constituido somente de politicos?

Algo de semelhante com que se dá na nossa terra. Na nossa terra?

Sim, escute um pouco, o leitor.

Já ha muito tempo eu li, se não me engano, nas columnas de um numero antigo do «Velho Orgão» alguma cousa sobre o Barão de Capanema. O caso éra o seguinte: O Barão concluiira o seu curso de engenharia em Vienna e procurando o nosso consul ali, este lhe dissera em conversa que «não se admirasse se tivesse que occupar, no Brasil, outra função que não fosse a de engenheiro». E isto que éra característico no *modus dirigendi* do Brasil Imperio, foi adoptado pelo Brasil Republica.

Em referencia áquelle tempo, me contaram que um dos nossos mais illustres engenheiros de minas consultado, certa vez, por um politico influente, sobre uma vaga á preencher, sabendo haver tres vagas,



CANDIDO MARIANO UARINE, Chefe Supremo dos boróros



GUERREIRO BORORO



perguntara qual a mais rendosa; e como fossem todas ellas de parca remuneração, respondera com muita calma: « Senhor Marquez » (pschut, que já hia contando o Santo). « Senhor, para satisfazer á V. Ex., acceito todos os cargos ».

Entre elles um era o de parcho...

Ora, se isso foi no Imperio, na Republica temos o Ministerio da Agricultura segundo os moldes ditados pelo Dr. Christino Cruz; tão magistralmente analysado pelo Dr. Barbosa Lima.

É isto o que prova? Que a politica se fez para a nossa terra e a nossa terra para a politica.

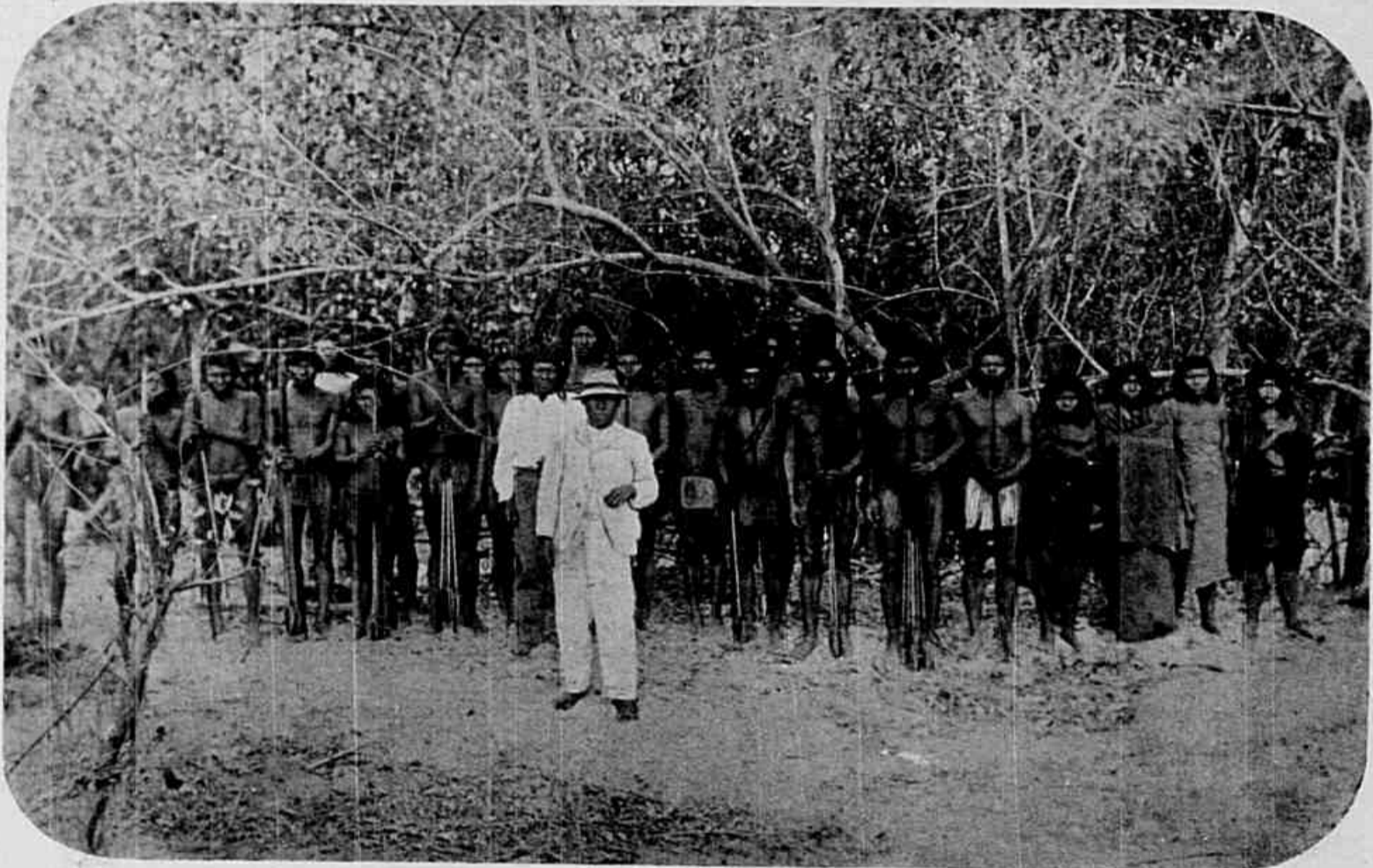
Mas, ao contrario do que até agora se tem visto surgem novos processos; parece que os tempos estão mudados, que a Republica já vae deixando de ser monarchia mais cedo do que predisse Elisée Reclus e que já se vai fazendo selecção, de accordo com

combinações, então em vóga, para só pensar no cumprimento do seu dever, no progresso exclusivo da sua Patria.

Quem é esse homem? Um capitão de engenheiros. Fôra nomeado á 27 de Junho de 1900 para construir um ramal de linhas telegraphicas, partindo da colonia de S. Lourenço e já em Setembro (22) havia reaberto essa então abandonada estação telegraphica

S. Lourenço é uma colonia indigena de boróros que fica á margem direita do rio daquelle nome; de construcções regulares, deixa vêr que o gráo de cultura d'esses indios é já bastante elevado, não obstante os outros grupros d'essa tribu esparsos em aldeamentos visinhos, um pouco mais livremente do que os de S. Lourenço.

Como se houve o capitão com os indios ?



INDIOS BOROROS

as verdadeiras necessidades do paiz; já se liga menor importancia ao rotulo exterior do que ao valor intrinseco do individuo.

• • •

Mui felizmente nem todo o brasileiro é politico assim como nem a todo o politico se applica a regra geral de que acima se fallou.

Assim, quem durante o tempetuoso periodo de 1900 á 1904 lançasse as vistas para o longiquo Estado de Matto Grosso veria, através dos abálos produzidos na Republica, quer pela tentativa Travassos, quer pelos acontecimentos que depois ensanguentaram o proprio Matto Grosso, um homem alheio á tudo isso, inteiramente estranho á toda a sorte de

Longe de desprezal-os, já de ha muito elle os procurára; e tal foi a influencia que a sua bondade e a sua intelligencia e coragem sempre exerceram no espirito dessa gente rude e simples que o seu chefe se baptisou com o nome Candido Marianno, pois Candido Marianno da Silva Rondon é o capitão de engenheiros que dirige o serviço.

Eil-o lá junto d'elles; e Candido Marianno á frente e circundados ambos pela criançada e pelos bugres boróros, nas tabas onde a tradição repete, pela bocca das enrugadas velhas, as éras de gloria de vencedores ou as horas amargas das retiradas pelo matto bravo; os tempos de odio aos brancos de que foi o Anjo da Paz — Rosa, a borôro, como poeticamente nos contou a Sra. D. Carminda de Mello Rego.



Tempos máos, felizmente passados. Já hoje podem elles, alegres, preparar o apreciado Bacorôro, sarão *d'élite*, dansado ao luar, ou ao clarão dos braseiros rubros, ao centro d'uma aléa de palmas, sob o rhythmo dolente das cantigas barbaras.

Até Coxim toda essa região do sul lhes pertence; quando fóra das festas, os seus corações afeitos ao perigo, se comprazem na caça do Jaguaretê, cujas garras aduncas constituem o cubiçado diadema d'um Nemrod borôro. A' pesca andam outros, partindo em dias escolhidos para as partidas longas, são pequenas as rédes e longos os seus calões.

Com esse aparelho elles dão cerco á mais mitrada guenza. E plantam uns e outros os milharaes extensos, já prêsos ao solo pelas culturas feitas, já com amor ao tecto, inda que de folha de jussára.

É ora com *pousadas boas*, para refazer as forças gastas no afan de levar por diante o começado, as construcções das pontes, a restauração da ferramenta velha, ora descansando apenas nas barracas leves que mal impediam a humidade daquelles sertões bravios, sempre os dous Candidos se entenderam, sempre foram

não é raro ver algum cacique em conversa com o capitão amigo dos borôros.

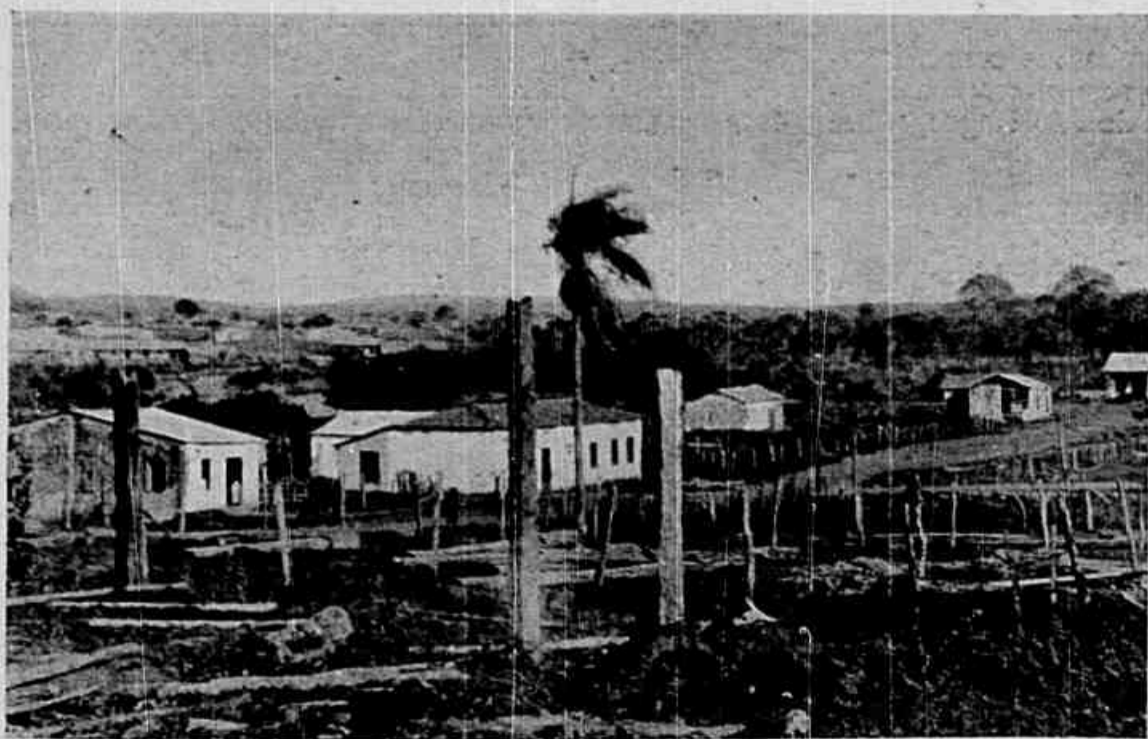


INDIOS TERENAS EM PREPARATIVOS PARA A MEDIÇÃO DE SUAS TERRAS. OS TERENAS FICAM A S. O. DOS BOROROS.

« E' preciso ter visto a região para se fazer idéa do esforço exigido para que se mantenha um trabalho constantemente productivo..»

Se morosa, comquanto simples, a elevação de um poste que exigia certo tempo á ser lavrado, e difficil a abertura de uma estrada nos paúes numerosos — verdadeiros mangaes de terra á dentro — e que não podem ser drenados, quando o pessoal já exausto mal podia vencer a tarefa marcada, via-se confabularem os chefes: «Amigo, os brancos já não podem, não tem a força dos teus, ajuda-me com os fortes, presental-os-hei. E a resposta ahi vinha. — «Não é preciso o presente; você quer meus homens, elles te ajudarão.»

No dia seguinte, 50, 60 indios lá estavam entre os trabalhadores, ora na picada, ora no transporte de material, pegando, curvos, sobre os hombros bronzeados, cargas de 80 kilos; e balouçando rhythmadamente os braços pensos, sem segurar o volume que carregavam, lá hiam os bu-



BELLA VISTA, SOBRE A FRONTEIRA DO PARAGUAY; AO CENTRO DA GRAVURA VÊ-SE O RIO APA, CORTANDO A CIDADE.

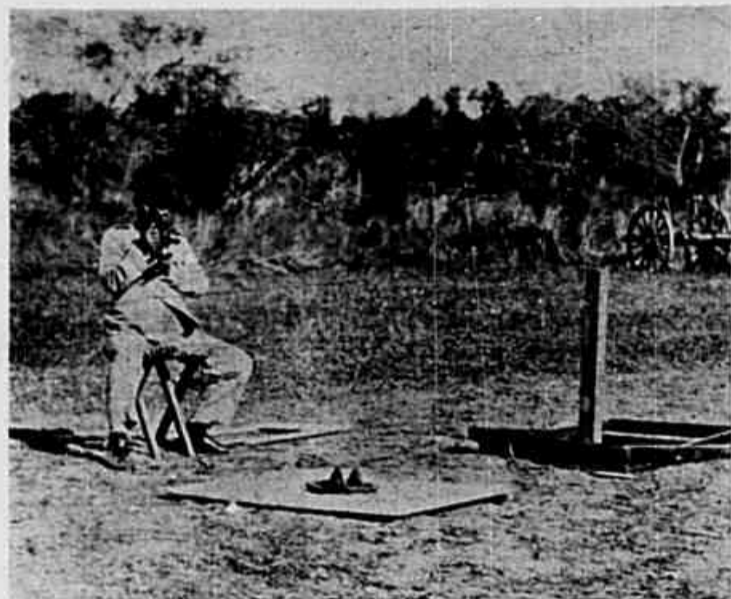
amigos. E, ao cahir do sol, depois que éra chegada a hora do descanso, quando cada um buscava a tenda e o gado a salga, nos couros sobre o sólo,

gress, calma, imperturbavelmente ávante.

A' 31 de Dezembro de 1900 ficaram concluidos 26 kilometros até a margem direita do Akiuabo,



com acampamento no lugar que os borôros chamam Uaiáu; e no fim do anno de 1901 tinham os nossos o telegrapho em a margem do Rio Piquiri, no lugar denominado Peças, depois de ter deixado á retaguarda a estação de Itiquira.



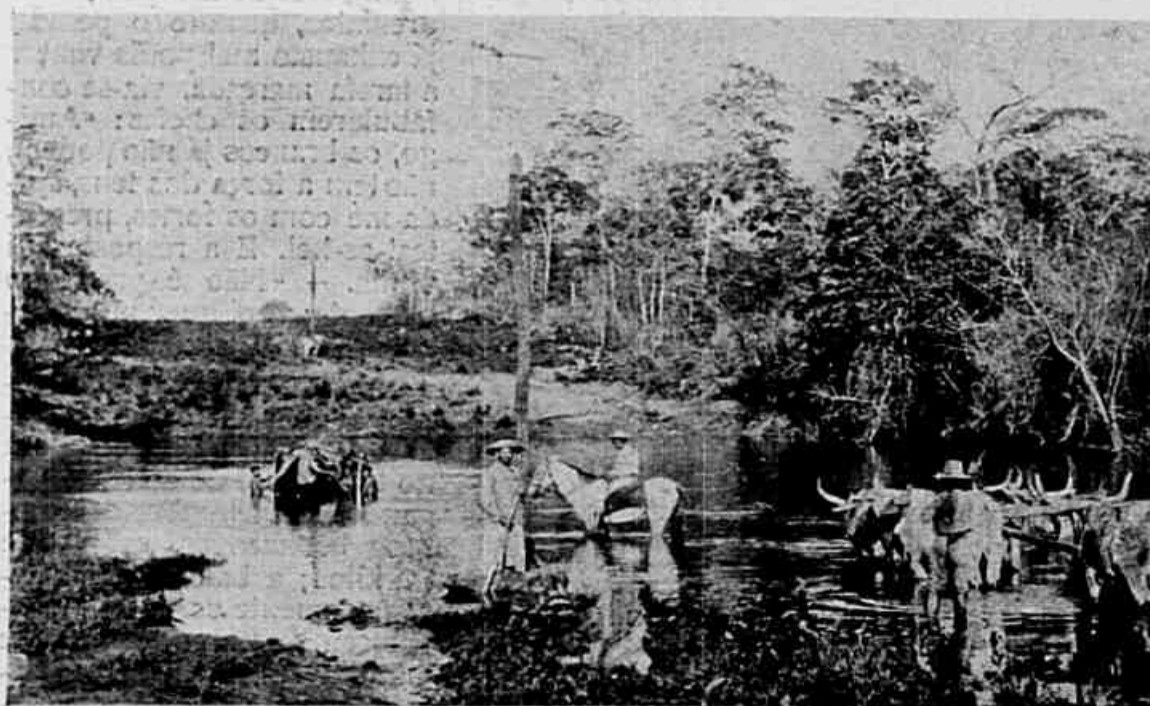
O MAJOR RONDON VERIFICANDO AS COORDENADAS DE BELLA VISTA.

Peças! Nome que nos lembra o passado!

Elle nos ensina que n'aquelle logarejo as nossas forças, em retirada do sul, não podendo transportar pelos banhados os seus canhões, ali os lançaram ao rio; e quando as aguas baixam, como um bando de caimans ao sol, elles reluzem, recordando os dias de provação de um punhado de bravos, nos transes heroicos da Retirada da Laguna.

* * *

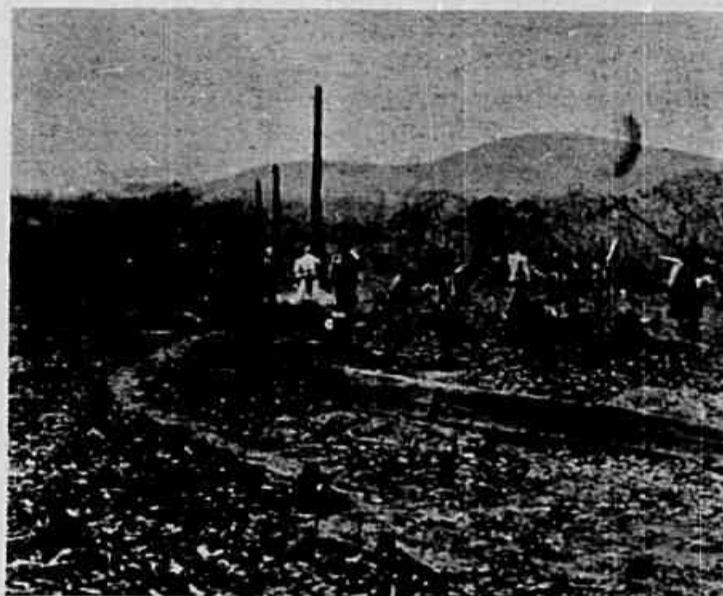
Em 1902 continuaram os trabalhos com a inauguração de Coxim á 3 de Maio, sendo levada a construcção até a margem esquerda do Rio Negro, sobre



NAS PROXIMIDADES DE AQUIDAUANA, UM VIAJANTE ATRAVESSANDO O CORREGO ACOGO EM PELOTA, EMBARCAÇÃO EMPROVISADA COM UM COURO DE BOI.

a Serra de Maracajú, cujo espinhaço foi galgado pela picada, á 31 de Dembro, com uma producção de 184 kilometros.

Ahi, no rio Negro, deparou a Commissão com uma tribu de indios que já se julgava extincta.



GUACHY - CONSTRUÇÃO DA LINHA NA BIFURCAÇÃO DE CORUMBÁ.

N'uma dessas tardes cálidas de Matto Grosso, subindo o rio, na faina de procurar um ponto apropriado para o repouso, foram os expedicionarios surprehendidos por um ruido extranho — dir-se-hia que um bando de grandes animaes assustados se affastava da barranca.

Em breve o latir de cães explicou que esses animaes eram indios.

Todos os dialectos foram empregados em saudações amigas que nenhuma resposta recebiam, além do echo que se perdia longe.

Afinal, só faltava o Uachiry, o capitão Rondon fallou-o clara, compassadamente, convidando os selvicolas á comunhão dos brancos;

e mal a sua voz acabára de reboar, tres bugres appareceram — eram os Uachirys.

Passaram no acampamento durante todo o espaço de tempo em que este ahi existiu; não quizeram, porém, visitas á *Ocára*; presentia-se, ao contrario, no matto em torno, que alguém vigiava a pé firme as intenções dos brancos.

Em 1903 venceu a Commissão os mais fortes obstaculos, transpondo em distancia quasi o dobro do que até então fôra construido; e isso foi devido ao augmento de pessoal e de crédito que o Ministro da Guerra daquella época, o Marechal Argollo, concedera. A producção subio á 469 kilometros com inauguração das estações de Campo Formoso, Aquidauana, Rio

Negro, Fazenda Firme e Corumbá, lançando um cabo sub-fluvial de 500 metros para atravessar o Paraguay, no passo « Manga do Barão ».



TENENTES HERON KELLER, NICOLAU H. BARBOSA, AUXILIARES DO MAJOR RONDON E UM FAZENDEIRO ATRAVESSANDO A VÃO O CORREGO DAS AREIAS.

Fôra atingida a fronteira; mas só se parou ahi por ordem superior, durante tres mezes; nos tres trimestres restantes de 1904, mais duzentos e noventa e cinco kilometros de fio transportavam a palavra á Miranda, á Nioac e ao vetusto e celebre Forte de Coimbra.

Em 1905 a producção foi de 275 kilometros, sendo inaugurada as estações de Margarida, Porto Murtinho, Bella Vista e Livramento, subindo, nos sete primeiros mezes de 1906 a 213 kilometros, com os quaes ficou concluida a primeira parte do trabalho da Comissão, com redimento total de 1623 kilometros de linha entre postes e um desenvolvimento do conductor de 1703 kilometros.

Para as installações de Itiquira, Campo Formoso, Aquidauana, Rio Negro, Fazenda Firme, Corumbá, Forte de Coimbra, Margarida e Bella Vista, foram construidas casas no valor de mais de cento e cinquenta contos de réis, inclusive dous chalets de madeira para ligação dos fios aereos com o cabo sub-fluvial.

Não foi só esse o trabalho executado: Ao mesmo tempo que éra feita toda essa construcção excepcional, eram explorados os rios Itiquira, Correntes, Piquiri, Taquary, Negro, Aquidauana e Miranda, com um levantamento de 2144 kilometros e toda a série de reconhecimentos exigidos.

Observações astronomicas foram feitas para determinações de coordenadas geographicas, o que se realisou para Aquidauana, Rio Negro, Fazenda Firme, Miranda, Porto Murtinho, Nioac, Margarida, Coxim, Itiquira, S. Lorenzo e S. Luiz de Cáceres, Passo da Linha, (alto da Serra de Maracajú, R. Negro), Porto Canuto (Aquidauana), Fazendas da Boa Vista, do Jatobá, Porto Cyriaco, Barra do Miranda, Aterrado, S. Thomaz, Entre Rios, Campo Grande e Mimoso.

Estava concluida a primeira parte do trabalho em que, o já agora Major Candido Marianno da Silva Rondon, secundado por um punhado de companheiros de valor, dentre os quaes se destacam o Capitão Marciano Avila, Tenentes Barbosa Rodrigues Pereira, Heron Keller, Nicolau Horta Barbosa, Boanerges Lopes de Souza, Inspector Francisco Xavier Junior e Telegraphista Germano José da Silva, conseguira fazer o dobro do que outras commissões, melhor localizadas, realisaram em igual periodo de tempo.

Eis o quanto bastava, na nossa terra, para que o illustre militar fosse encarregado de outros serviços alheios ás suas aptidões...

Em principios de 1907 o Major Rondon foi chamado á Palacio - O Sr. Dr. Affonso Penna o recebia n'uma conferencia intima, á que tambem assistiu, *cuidadosamente collocado*, um d'esses indiscretos da



RUINAS DA EGREJA DO CARMO, CIDADE DE MATTO GROSSO, ONDE ESTÃO SEPULTADOS ADRIANO TAUNAY E O ENGENHEIRO ESPFRIDIÃO DA COSTA MARQUES.

imprensa que são o desespero dos estadistas reservados...

Banal, á principio, a conversa descambou para assumptos telegraphicos, depois.

Discussões da imprensa, opiniões de mestres; em fim, de subito, o Presidente perguntou:

“Seria exequível essa linha ligando Matto Grosso ao Acre?”

Na verdade, estavam mudados os tempos! O Presidente, mostrava que as suas cans significavam experiencia; o seu governo cuidava da escôlha dos



INDIOS TERENAS – SENTADO CACIQUE ALEXANDRE CAPITÃO HONORARIO DO EXERCITO BRASILEIRO EM OPERAÇÕES CONTRA O DICTADOR LOPES, DO PARAGUAY. – DE PÉ CACIQUE TAVARES.

“Tudo depende de V. Ex.” respondeu o Major. “A região exige muitos homens e dinheiro.”

“Pois, respondeu o Presidente, eu digo que depende de nós dous; eu lhe darei os homens e o dinheiro e o Sr. executará o trabalho.”



MARCO DA FRONTEIRA BRASIL E PARAGUAY.

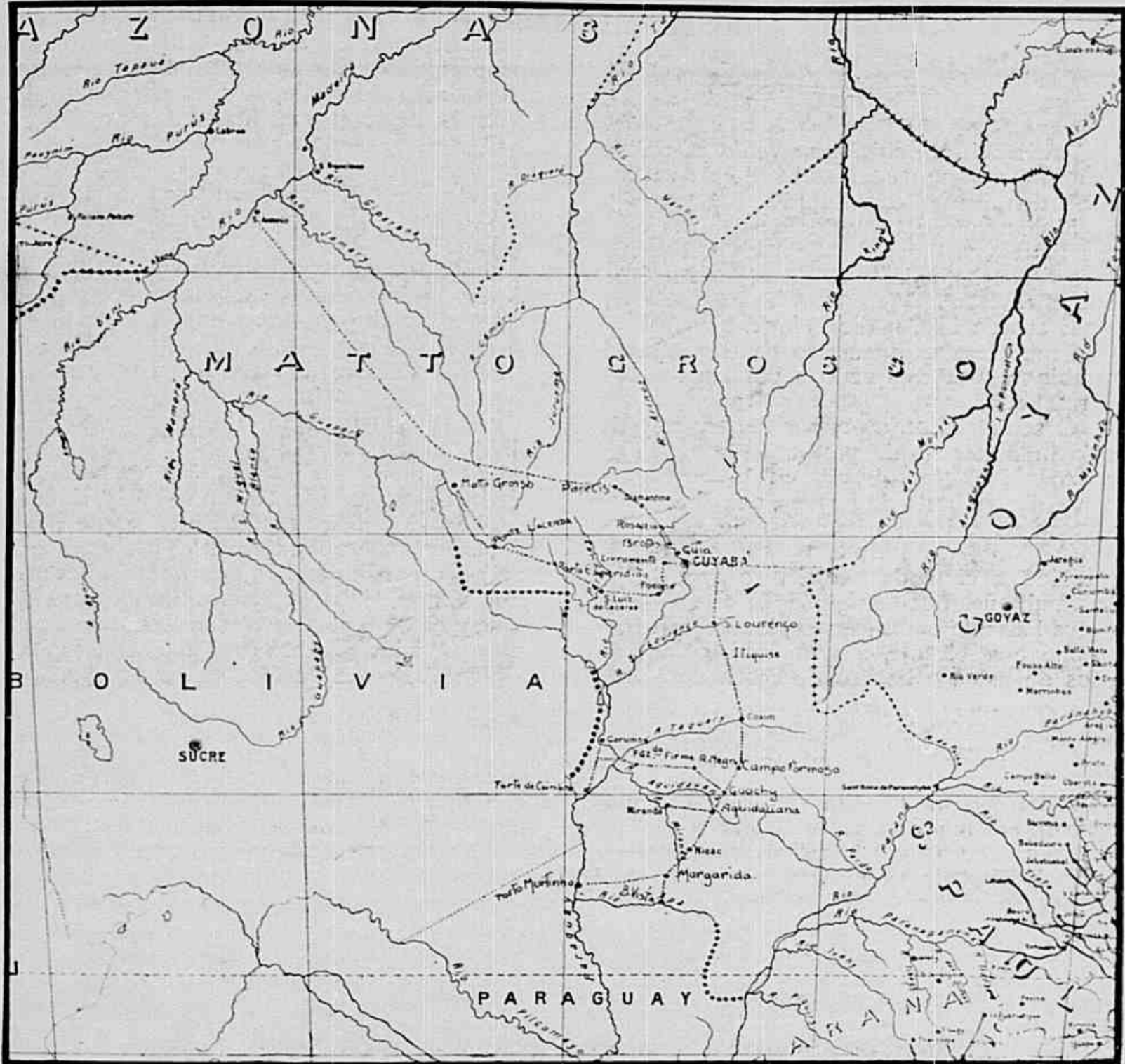
homens antes de attender ao cartão das conveniencias politicas, por ventura na salva do empertigado continuo. Foi assim que se começou a segunda parte da construcção telegraphica do occidente brasileiro.

Juruna.





Trabalhos da Comissão Rondon



TRAÇADO DA LINHA TELEGRAPHICA, CONSTRUIDA PELO MAJOR CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, LIGANDO O ESTADO DE MATTO GROSSO Á PREFEITURA DO ALTO ACRE.





O ROSARIO DO CABO DE ORDENS

NASCEU na Bahia, num velho casebre colonial, que parecia saturado de azeite de dendê e garôpa salprêsa.

Molequinho, passava os dias nú na alfurja das Flôres, na Baixa dos Sapateiros, brincando na sargêta, leito de espurcias, mais negro do que elle.

E crescia liso, nedio e forte.

Seu pai, cafre gigantesco das terras de Moçambique, fôra comprado a um tanganhão na Barra Falsa.

O senhor alforriou-o por lhe ter salvado a vida num levante de pretos.

A mãe era creoula, alta e robusta. Fôra escrava d'uma beata de capona, que lhe ensinou a resar e lhe incutiu hábitos religiosos.

O filho nasceu livre, porque ella havia ja recebido a carta da alforria, comprada pelo Moçambique, que era — pai de canto — e ganhava bastante como carregador de cadeira de alquilé e fabricante, nas horas vagas, de chapéos de palha e balaíos da costa.

Possuia tambem uma cadeira de arruar bem dourada para os dias de festas.

O moleque creou-se humilde, bem ensinado e temente a Deus.

A beata, sem filhos, affeioou-se-lhe muito, ensinou-lhe muitas resas e levava-o sempre á missa. Metteu-o mais tarde na escola regia da Cruz do Paschoal, onde aprendeu bem a ler, escrever e contar.

Aos dose annos estava prompto. Alguns dos seus collegas matricularam-se no Lyceu.

Elle teve tambem desejos de seguir os estudos, mas o Moçambique pôl-o numa tenda de caldeireiro na rua do Julião.

Si o tivesse deixado proseguir, talvez houvesse ido parar ao seminario, tal o seu pendor religioso.

A sua diversão predilecta era fabricar pequenos oratorios de caixas de charutos e enfeitá-los de papel dourado e castiçesinhos de chumbo.

Os vintens, que o mestre lhe dava, gastava-os em veronicas e registros. A parede junto á taboa, em que dormia, no fundo de um corredor que parecia pintado á carvão, era coberta de santos e *medidas* de todas as côres e larguras, que lhe davam ou elle proprio *trocava* nos dias de festa.

O santo da sua devoção era Nosso Senhor do Bomfim:—Não fôra elle bahiano...

Nunca deixou de ir a uma lavagem, acompanhando a mãe, que era sempre uma das primeiras do rancho das lavadeiras, com as saias arregaçadas até aos joelhos e presas pelo panno da Costa, com a *penca* cheia de figas na cintura, e equilibrando na dansa sapateada, sobre o torso alvo de renda, o póte cheio d'agua e adornado de folhagem, fitas e flores.

Confessava-se mais de uma vez por anno e sempre na quaresma.

Todas as noites resava o terço no meio do povo, defronte do nicho da esquina da ladeira do Taboão.

Um dos melhores dias da sua vida foi a primeira quinta feira santa, em que conseguiu licença da mãe para tocar matraca na procissão de fogaréos.

Aos dezoito annos era quasi do tamanho do pai.

Em 1863 houve forte recrutamento e foi colhido na tarrafa.

Já era maior e só por muito empenho do vigario da freguezia e do provincial do convento do Carmo fizeram-lhe o favor de assentar-lhe praça de voluntario no —Corpo Fixo— Devia ser bom soldado, porque era bahiano sadio e forte, tinha bons costumes e pertencia a uma raça de bravos e obedientes. Custou-lhe muito ao principio, habituar-se á vida especial do quartel. Aprendeu facilmente os exercicios de recruta e esmerava-se na limpeza do armamento, equipamento e fardamento que lhe deram.

Não precisava por sua boa indole, fazer esforço para bem cumprir o ultimo dos sabios vinte e nove artigos de guerra.

«Todo o militar deve regular os seus costumes pela regra da virtude, da candura e da probidade, deve temer a Deus, e executar exactamente as ordens que lhe forem prescriptas».

No fim do anno seguinte o Brasil inteiro estremeceu de indignação ao sentir a affronta que lhe fez Solano Lopez.

O Batalhão teve ordem de marcha para o Sul.

O soldado negro obteve licença do 1º sargento para ir ao Bomfim. Ouviu missa e fez uma promessa á milagrosa imagem.

Antes de embarcar, promoveram-no a anspeçada por saber ler e ser praça limpa, prompta e de bons costumes.

Na campanha—quer nas marchas, quer nos exercicios, ou nas faxinas e acções de guerra, ninguem lançava a barra mais longe do que o bom e bravo anspeçada da quarta.

Em Itapirú, quando o batalhão tomou dous canhões inimigos e uma bandeira, sob o commando do velho D. José Balthazar da Silveira

que soube honrar o nome dos seus heroicos avós, elle foi um dos mais intrepidos lidadores dando golpes terriveis de bayoneta.

No Passo da Patria, em Tuyuty, na Linha Negra, no Chaco, no Estabelecimento, no Pekiciry, em toda a parte onde o dezeseis se cobriu de gloria, o anspeçada negro salientou-se pela indomita bravura.

Dir-se-ia que elle era como aquelles Zulús de Cettiwaio que armados de azagaias e á pé, rompiam os quadrados dos soldados inglezes, desses mesmos soldados inabalaveis, que resistiram como rochedos, em Waterloo, as ondas furiosas dos couraceiros francezes commandados pelo *Bravo dos bravos*.

Quando o Tiburcio, em 1866, assumiu o commando do Dezeseis, notou logo o seu typo agigantado e sympathico.

Depois do Estabelecimento promoveu-o a cabo de esquadra por acto de bravura, e fel-o sua ordenança.

Nos combates, elle parecia querer antepor-se á todos os golpes, para nenhum attingir ao seu commandante.

Era a fidelidade do alão e a dedicação do africano.

Quando o inimigo, no chaco de Angustura, arrojou-se de chôfre sobre o batalhão, na emboscada de 25 de Outubro de 1868, um dos seus officiaes lançou-se contra o Tiburcio de espada recachada e olhos incendiados. O commandante recebeu-o em guarda e bradou que ninguem tocasse nesse homem.

Si não fosse esse brado, o cabo de ordens tel-o-ia traspassado com o sabre-bayonêta. E quando o official desapareceu na bastidão da matta, o negro sumiu-se com elle.

Poucos dias depois, o Tiburcio teve licença para tratar-se no Brasil.

Antes de partir ordenou ao cabo de ordens, por suggestão do Capitão Castello Branco, que lhe trouxesse o seu rosario.

— Aqui está o rosario, Sr. Commandante — e apresentou-lhe uma rodilha de cipó cheia de excrescencias impossiveis de definir, já pela raridade da forma, já pela extranhesa da côr, que lembrava a da carne amoxamada.

O Tiburcio olhou-o admirado e exclamou: — O teu rosario? — Pois este cipó é um rosario?

Que significa isto?

E', Senhor sim. — Foi uma promessa que fiz á Nosso Senhor do Bomfim, antes de sahir da Bahia.

Que promessa foi essa? Mas... então isto o que é?

Sr. Commandante, eu prometti a Nosso Senhor se voltasse, pôr aos pés da sua santa

imagem, um rosario das orelhas dos caboclos que elle me ajudasse a matar. Até agora só pude arranjar estes dois *Mysterios*

Eram, com effeito, cerca de vinte os pedaços de carne resequidos, encarquilhados, informes, e retorcidos, enfiados no cipó.

Calcule-se o nosso estupôr.

E's um barbaro, exclamou o Tiburcio, rubro de indignação.

Como ousaste tanta crueldade? Não te tremeu a mão ao mutilares o corpo d'um homem morto?

V. S.^a me perdõe, Sr. Commandante; mas eu só cortei as orelhas dos caboclos que matei. Eu não era capaz de fazer isto em quanto elles estivessem vivos, porque me dóe muito ver a gente padecer.

E's um monstro! Retira-te da minha presença e vai enterrar essas abominações que chamas o teu rosario. Commetteste um crime nefando, contra os homens e contra Deus.

O pobre cabo ficou estupefacto.

Não percebera, como nós, que a colera do commandante havia amainado diante da singularidade das suas respostas.

Acreditára, até essa hora, praticar um acto meritorio. A sua consciencia lhe não accusava de torpesa. Seu pai, o velho moçambique, quando lhe narrava as guerras da Cafraria, exaltava os valentes guerreiros da sua raça, que cortavam as cabeças aos inimigos e as espetavam na palissada do Kraal, votando-as a Mulungo, o sanguinario nume.

Aprendera na escola e com a beata de capona que o povo de Deus celebra como seus grandes heróes e santos:

David, que cortou a cabeça á Goliath e a bella Judith, que degolou, no leito e á traição, Holophernes, o general assyrio.

Ensinaram-lhe tambem que o grande São Pedro, o chefe da Igreja decepou a orelha de Malcho, serviçal de Caiphaz.

Ouvira nos templos a palavra inflammada de Frei Carneiro, o aristocratico pregador benedictino, pedindo a benção do Deus dos Exercitos para as armas brasileiras, que iam destruir o inimigo; e nos seus arroubos de eloquencia, vaticinando ao nosso glorioso pavilhão que se ia desdobrar nos campos de batalha, no meio da morte e da dor, grinaldas e corôas de louros.

Ouvira tambem nas capellinhas de palha dos nossos arraiaes da guerra, a geringonça singela e bôa de Frei Fidelis, exhortando na sua humildade de capuchinho, a elle e aos seus camaradas, a baterem-se como leões, para destruir os inimigos da patria.

Os seus superiores ensinaram-lhe a faser boas pontarias e dar grandes golpes de bayoneta.

Para que? Para matar certamente.

Si eu devo matar, porque não posso cortar a orelha do homem a quem tirei a vida? Perguntava a si proprio, na simplesa da sua alma.

Até aquelle dia estava convencido que era nobilissimo o seu papel de instrumento da destruição e da morte. Surgiu-lhe a duvida no espirito.

Atordoou-o a aspera reprimenda do Comandante, que era para elle um ser quasi divino, pois o julgava infallivel e omnipotente.

A ordem que acabara de receber, era terminante e clara. Não admittia delongas, nem reflexões.

Tratou de cumpril-a n'aquella mesma noite.

Depois da revista do recolher, encaminhou-se para a margem do arroio proximo ao acampamento do batalhão, levando o rosario e uma enchada.

Abriu uma cova e depôz nella o horrivel ex-voto que a sua alma simples e singularmente religiosa destinara ao Senhor do Bomfim e que lhe havia custado tantos actos de bravura e de abnegação.

Enterrou-o e bateu bem a terra.

Plantou na estranha sepultura uma pequena cruz de madeira tósca.

Acendeu velas em cruz, tantas quantos os guerreiros, que matara.

Ajoelhou se cheio de humildade e de fé, e resou constricto um padrenosso pela alma de cada um delles. Acabou rogando ao Senhor

do Bomfim, que lhe perdoasse, não cumprir a promessa, que lhe fiséra. Nunca mais cortaria uma orelha.

As ultimas foram as do bravo official que, no seu singelo diser, *teve o desaforo de querer brigar com o seu commandante.*

Por serem de quem eram foram os ultimos *padrenossos* do seu *rosario*.

Tempos depois, o Dezeseis arrojava-se heroicamente contra as trincheiras de Lomas Valentinas e o valente cabo de ordens cahia no campo da honra.

Na parte do combate o seu nome figura na relação dos estraviados, porque não lhe acharam o corpo.

Mais tarde encontraram-no muito na frente, com o largo peito esburacado, e coberto de cruces e escapularios ensanguentados num montão de guerreiros brasileiros e paraguayos.

Todos foram enterrados juntos na mesma valla commum... da reconciliação e da gloria.

Os soldados não têm lapidas, nem epitaphios. Quando muito uma cruz amparara-lhes a sepultura.

A esses... nem ella. Não havia tempo.

Entretanto é com o sangue de almagra desses anonymos que se tinge a purpura dos triumphadores.

Gloria aos heróes ignorados!

DIONISIO CERQUEIRA.



POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 4 DESTE ANNO)

CAPITULO XI

Sobre o progresso da evolução

DESTA digressão, tanto inevitavel quanto não satisfactoria, sobre a velha escola que olha de cima com tamanho ar de superioridade, o "sonho intellectual" de Darwin e, o "louco enthusiasmo" de seus amigos, eu volto á mais analoga tarefa de considerar a historia evolutiva dos Crustaceos sob o ponto de vista da theoria de Darwin.

Darwin mesmo, no decimo terceiro capitulo de seu livro, já discutio as conclusões derivadas da suas hypotheses, no dominio da historia evolutiva. Para uma applicação mais detallada das mesmas, contudo, é necessario primeiramente traçar essas conclusões geraes, um pouco mais tarde do que elle ali o fez.

As mudanças pelas quaes o joven se afasta dos pais e, cujo accumulativo gradativo causa a produção das especies novas, generos e familias, podem occorrer á um periodo prematuro ou tardio da vida—no estado joven ou no periodo da maturidade sexual. Pois que o ultimo não é de forma alguma, sempre, como nos Insectos, um periodo de repouso; a maior parte dos outros animaes, mesmo então, continúa a crescer e a soffrer mudanças. (Veja acima as notas sobre os machos dos Amphipodes). Na verdade, algumas variações da sua natureza real, só podem occorrer quando o joven attingio o estado adulto de desenvolvimento. Assim os Lagartas do Mar (*Polynõe*), á principio só possuem poucos segmentos somaticos que, durante o desenvolvimento, augmentam gradativamente em numero que é differente nas differentes especies mas constante na mesma especie; agora, antes que um joven póssa exceder o numero de segmentos de seus paes, deve naturalmente ter attingido esse numero. Podemos admittir um progresso semelhante, complementar, quando o desvio dos descendentes consistir n'uma addicção de novos segmentos e membros.

Por isso os descendentes attingem nova méta, quer se afastando mais cedo ou mais tarde, quando ainda em via de adquirir a forma paterna, quer passando por ella sem desvio, mas então, em vez de ficar ahí, avançando ainda mais.

O primeiro modo taria uma acção predominante, onde a posteridade dos antepassados communs constituisse um grupo de formas permanecendo no mesmo nivel, nos traços principaes, como a totalidade dos Amphipodes, Carangueijos ou Aves. Por outro lado somos conduzidos á admittir o segundo modo de progresso, quando procuramos deduzir d'uma forma original commum, animaes d'entre os quaes alguns concordem com os estados jovens dos outros.

No primeiro caso, a historia evolutiva dos descendentes só póde concordar com a de seus antepassados, até um certo ponto, no qual, os caminhos se separam,—pelo que diz respeito á sua estructura no estado adulto, ella não nos ensinará cousa alguma.

No segundo caso, todo o desenvolvimento dos progenitores tambem passou pelos descendentes e por isso, tanto quanto a produção de uma especie dependa do segundo modo de progresso, o desenvolvimento historico das especies será reflectido na sua historia evolutiva. No curto periodo de poucas semanas ou mezes, as formas variantes dos embryões e larvas, passarão, ante nós, por uma representação mais ou menos completa e mais ou menos real das transformações pelas quaes as especies, no decurso de desconhecidos milhares de annos, luctaram para o seu estado presente.

Um dos exemplos mais simples, é fornecido pelo desenvolvimento dos Anelidos Tubicolas; mas, da sua verdadeira simplicidade, elle parece bem apropriado para abrir os olhos de muitos que, talvez, preferissem não ver; póde, por isso, ter aqui um lugar. Ha tres annos, encontrei nas paredes de um dos meus aquarios alguns pequenos tubos de vermes (Fig. 65), cujos habitantes traziam tres pares de filamentos branchiaes providos de barbas e que não tinham operculo. De accordo com isso deveriamos ter sido obrigados á referil-os ao genero *Protula*. Poucos dias mais tarde, um dos filamentos branchiaes se incorporou, na extremidade, em um operculo clavado (Fig. 66) quando os animaes me lembraram, pelo pedunculo opercular plumoso, o genero *Filograna*, com a unica differença de que este ultimo possuia dous operculos. Em mais tres dias, durante os quaes brotou um novo par de filamentos branchias, o pedunculo opercular perdeu os seus filamentos lateraes (Fig. 67) e os vermes se tornaram *Serpulas*.

Aqui se apresenta, de uma feita, a supposição de que os primitivos vermes tubicolas foram uma *Protula*,—que alguns dos seus descendentes, já desenvolvidos em perfeitas *Protulas*, se modificaram depois para melhor, pela formação de um operculo que, podia proteger



os seus tubos contra inimigos intrusos;— e que descendentes subsequentes d'estas ultimas formas, finalmente, perdiam os filamentos lateraes do pedunculo opercular que elles, como os seus antepassados, haviam desenvolvido.

O que dizem as escolas á este caso?

De que parte e para que fim, se as *Serpulas* foram produzidas ou creadas como especies pre-formadas, estes filamentos lateraes do pedunculo opercular?

Para admittir que elles brótem méramente por causa de um plano invariavel de estructura, mesmo quando devam ser immediatamente retrahidos depois como superfluxos, seria, certamente, antes uma evidencia de puerilidade frivola ou pedantismo dictatorial, do que de infinita sabedoria.

Mas não, eu é que estou enganado; desde o principio de todas as cousas, o Creador já sabia que em certo dia, a infantil curiosidade do homem andaria ás apalpadellas sobre as analogias e homologias, e que os naturalistas christãos se occupariam em interpretar as suas Ideas Creadoras; sem duvida alguma, á fim de facilitar o discernimento pelas primeiras que o pedunculo opercular das *Serpulas* é homologico de um filamento branchial, elle permittio que aquelle fizesse um *détour* na sua evolução e passasse pela forma de um filamento branchial plumoso.

O registro historico, preservado na evolução, vae se APAGANDO ao passo que o desenvolvimento se aproxima d'um caminho cada vez mais recto, á partir do ovo para o animal; e isto e frequentemente SOPHISMADO pela lucta pela vida que as larvas vivas têm de supportar.

Assim como a lei da herança não é, de modo algum, estricta, visto como ella dá lugar ás variações individuaes com respeito á forma dos paes, tal é o caso da successão na epocha do processo evolutivo. Todo o pae de familia que tenha noticia de um tal assumpto, sabe bem que, mesmo nos filhos dos mesmos paes, os dentes, por exemplo, não cahem ou mudam seja na mesma idade, seja na mesma ordem. Agora, em geral, será util á um animal obter tão cedo quanto possivel as vantagens pelas quaes elle se sustenta na lucta pela vida. Um apparecimento precoce de peculiaridades, originariamente adquiridas, em um periodo ulterior, será vantajoso e o seu apparecimento retardado, desvantajoso; o primeiro, quando accidental será preservado pela selecção natural.

O mesmo se dá com as mudas realisadas nos estados larvares, tornados multiplos por caracteres transversos ou obliquos; uma direcção mais recta simplifica e abrevia os processos evolutivos e, fal-os retroceder para um periodo mais primitivo de vida e, finalmente, da propria vida do ovo.

Como esta conversão de um desenvolvimento, passando dos diversos estados jovens para outro mais directo, não é a consequencia de um impulso mysterioso inherente, mas depende dos progressos que se apresentam accidentalmente, ella póde se dar nos animaes os mais proximamente alliados, das maneiras as

mais diversas e precisa de periodos de tempo muitissimo diversos para a sua conclusão. Ha, comtudo, uma cousa que não deve ser desprezada aqui. O desenvolvimento historico de uma especie, mui ráro póde ter se dado n'um fluxo continuamente uniforme; periodos de stáse alternarão com periodos de progresso rapido. Mas as formas que, em periodos de rapido progresso, se derivaram d'outras em pouco tempo, devem ter se impressionado menos profundamente, na sua evolução phyllogenetica, do que as que se repetiram n'uma longa serie de gerações successivas, em periodos de stáse. Estas formas mais fixas, menos inclinadas á variar, apresentarão resistencia mais tenaz na tranzição para o desenvolvimento directo e, manter-se-hão de um modo mais uniforme até ao ultimo; comtudo, diversos podem ser os cursos deste processo, em outros respeitoos.

Em geral, como já foi verificado, seria vantajoso ao joven começar a luta pela vida na forma de seus paes e provido de todas as suas faculdades;— em geral, porém não sem excepções. E' perfeitamente claro que um producto capaz de locomoção seja quasi indispensavel á animaes prêsos e que as larvas de lentos molluscos, ou de vermes que se escondam no chão, etc., abundando desembarassadamente pelo mar, prestem serviços essenciaes, dispersando as especies sobre mais largas áreas.

N'outros casos se torna indispensavel uma metamorphose, pela circumstancia de se ter effectuado uma divisão de trabalho entre os diversos periodos de vida; por exemplo, que as larvas tenham tomado á si, exclusivamente a procura da nutrição. Uma circumstancia ulterior á ser considerada é o tamanho dos ovos:— Uma estructura mais simples póde ser pro-

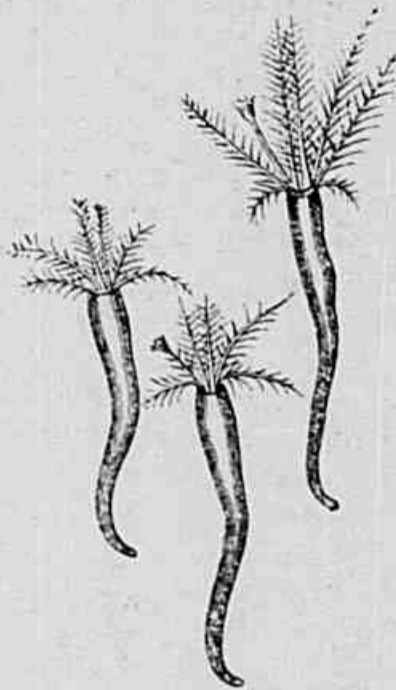


FIG. 65, FIG. 66, FIG. 67

Fig. 65. — Estado de um joven Tubicula, com tentaculos simples, (augmento 6 diametros), sem operculo; estado de Protilla.

Fig. 66. — O pedunculo opercular villosos; estado de Filograna.

Fig. 67. — Compedunculo opercular nu; estado de Serpula.



duzida com menos material do que outra mais complexa;— quanto mais imperfeita a larva, tanto menor deve ser o ovo e tanto maior o numero d'estes fornecidos, com o mesmo dispendio de material. Como regra, eu creio realmente, esta vantagem de um producto mais numeroso, não subentende, de forma alguma, a de producto mais perfeito; porém, assim será naquelles casos em que a primeira dificuldade para o animal joven, consiste em achar um logar proprio ao seu desenvolvimento e que, por isso, é de importancia dispersar o maior numero de germens possivel, como em muitos parasitas.

Como a conversão do desenvolvimento directo está aqui em discussão, parece azado dizer uma palavra sobre a já indicada ausencia de metamorphose nos animaes d'agua doce e terrestres, ao passo que ella se effectua em os seus alliados marinhos. Esta circumstancia parece explicavel de dous modos. Ou as especies sem metamorphose emigraram sobretudo para a agua doce, ou a metamorphose desapareceu mais depressa nos emigrantes do que nos que ficaram no mar.

Os animaes sem metamorphose se transfeririam, naturalmente, com mais facilidade á um novo meio, pois que só tinham a si proprios e não, ao mesmo tempo, muitas formas jovens á adaptar ás novas condições. Mas nos casos de animaes com metamorphose, a mortalidade entre as larvas, sempre consideravel, deve ter se tornado ainda maior nas novas do que nas condições já usuas; cada passo para simplificação do processo de desenvolvimento deve ter dado, por isso, uma preponderancia ainda maior aos seus pares e o apagamento das metamorphoses ter se processado mais rapidamente. O que se deu em cada caso individual, se as especies emigraram ou se perderam a metamorphose depois da emigração, não será sempre facil decidir.

Quando haja alliados marinhos sem ou só com uma ligeira metamorphose, como as Lagostas, os primos dos carangueijos de rio, podemos considerar a primeira supposição; quando os alliados, com metamorphose, ainda vivam em terra ou n'agua doce, como no caso de *Gecarcinus*, podemos adoptar a ultima.

Que ao lado d'esta extincção gradual da historia primitiva, se dá uma *falsificação* do archivo preservado na historia evolutiva, por meio da lucta pela vida que os estados jovens livres tem á soffrer, não se precisa expor mais. Porque, é perfeitamente evidente que a lucta pela vida e a selecção natural combinadas, devem agir do mesmo modo, em muda e desenvolvimento, sobre larvas que tenham de prover á si proprias, como animaes adultos. As mu-

das da larva, independentes do progresso do animal adulto, se tornarão tanto mais consideraveis, quanto mais longa a duração da vida da larva em comparação com a do animal adulto; quanto maior for a differença no seu modo de vida e tanto mais frisantemente definida será a divisão do trabalho entre os diversos estados de desenvolvimento. Estes processos tem, até certo ponto, uma acção opposta á extincção gradual da historia primitiva; elles augmentam as differenças entre os estados individuaes de desenvolvimento; e será facil de ver como um curso egual de desenvolvimento em linha recta, para a frente, pode ser ainda convertido por elles, em um desenvolvimento com metamorphose. Por esse meio muitos; e me parece que razões validas podem ser salientadas em favor da opinião de que os mais antigos Insectos se aproximam mais estreitamente dos Orthopteros actuaes e, talvez, das Blattideas apteras, do que de qualquer outra ordem; e a « metamorphose completa » dos escaravelhos, Lepidopteros, etc., seja d'esta ultima origem. Houve, eu creio, insectos perfeitos antes das larvas e pupas; porém, ao contrario Nauplios e Zoeas muito mais cedo do que perfeitos camarões. Em contradicção á metamorphose herdada dos camarões, podemos collocar a dos Coleopteros, Lepidopteros, etc., metamorphose *adquirida*. (1) Qual dos diversos modos de desenvolvimento, occorrendo no presente em uma classe de animaes, possa pretender aproximar mais estrictamente o modo original, é facil de julgar do acima estabelecido.

A historia primitiva de uma especie será preservada na sua historia evolutiva, tanto mais perfeitamente, quanto mais longa for a serie de estados jovens pelos quaes ella passe em secções uniformes; e tanto mais realmente, quanto menos o modo de vida do joven parta ao dos adultos e quanto menos as peculiaridades dos estados jovens individuaes, possam ser concebidos como transferidos para traz, desde os ultimos, em periodos prévios de vida, ou como adquiridos independentemente.

Appliquemos isso aos Crustaceos.

FIM

FRTZ MULLER.

(1) Darei aqui, brevemente as minhas razões em prol da opinião de que a chamada "metamorphose completa" dos Insectos, em que estes animaes deixam o ovo como gorgulhos ou lagartas e depois se transformam em pupas quiescentes, incapazes de comer, não foi herdada de um antepassado primitivo de todos os Insectos, porém, adquirida em um periodo mais retardado.



A ordem dos Orthopteros, inclusive os Pseudonevropteros (*Ephemera*, *Libellula*, etc.) parece se aproximar mais estreitamente da forma primitiva dos Insectos. Em favor d'estas vistas temos:

1 — A estrutura dos seus órgãos oraes, especialmente a formação do labio “que retém, quer perfeita, quer aproximadamente, a forma original de um segundo par de maxillas” (Gerstäcker).

2 — A segmentação do abdomen; “como o labio, o abdomen também, muito geralmente retém sua segmentação original que, é mostrada no desenvolvimento dos onze segmentos” (Gerstäcker). Os Orthopteros com onze segmentos no abdomen, se assemelham perfeitamente, no numero dos seus segmentos somaticos, com a larva lagostim representada na figura 33, ou, em verdade, nos mais altos Crustaceos (*Podophthalmos* e *Edriophthalmos*) em geral, em que larvas historicamente mais jovens sopportam um segmento thoracico (veja-se figura 123) que é, ás vezes, remotamente desenvolvido ou destituído de appendices ou mesmo deficiente ou, ainda, ausente.

3 — Que, como nos Crustaceos, o orificio sexual e o anus são situados sobre segmentos diversos; “enquanto o primeiro está no nono, o ultimo ocorre no decimo segmento” (Gerstacker).

4 — Sua occurencia paleontologica; em estado fossil os Orthopteros fazem sua apparição antes de todos os Insectos, a saber, pela mesma época que a formação carbonifera, em que elles excedem a todos os demais em numero. (Gerstäcker).

5 — A ausencia de uniformidade de habito actualmente em uma ordem tão restricta quando comparada com os Coleopteros, Hymenopteros, etc. Porque isto também é, na regra, um phenomeno caracteristico de grupos de formas muito antigos, que já transpuseram o climax do seu desenvolvimento; e é, explicavel pela extincção em massa. Um escaravelho ou uma borboleta são reconhecidos á primeira vista; porém, só por meio da investigação se póde demonstrar as relações mutuas entre *Termes*, *Blatta*, *Mantis*, *Forficula*, *Ephemera*, *Libelula*, etc. Posso referir a um notavel exemplo correspondente, do mundo vegetal; entre os Samambaias os generos *Aneimia*, *Schizæxa* e *Lygodium*, pertencentes ao grupo das *Schizaceas* que é muito pobre em especies, differem muito mais entre si do que das formas do grupo dos *Polypodios*, que contem milhares de especies.

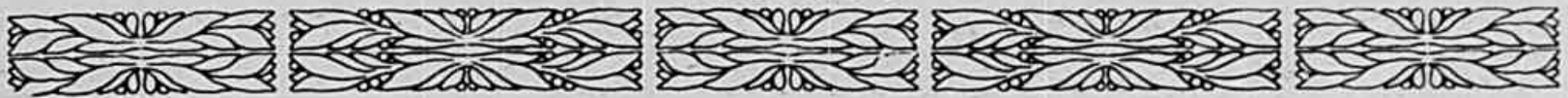
Se de tudo isto, parece bem encarar os Orthopteros como a ordem de Insectos que se aproxima mais estreitamente a forma primitiva commum, devemos também esperar que o seu

modo de desenvolvimento concorde melhor com o da forma primitiva, do que, por exemplo, da dos Lepidopteros, da mesma maneira que alguns dos *Peneus*, se aproximando mais estreitamente das primitivas formas de Decapodes, mais realmente preservaram o seu modo original de desenvolvimento. Então, a maioria dos Orthopteros deixa o ovo n'uma forma que se distingue da do Insecto adulto, quasi somente pela falta de azas; estas larvas então adquirem cedo os rudimentos de azas que apparecem mais fortemente desenvolvidos depois de cada muda.

Não obstante esta transição perfeitamente gradativa, desde a larva mais nova do Insecto sexualmente maduro, preserva em um gráo muitissimo mais alto, o diagrama de um modo original do desenvolvimento, do que faz a chamada metamorphose completa dos Coleopteros, Lepidopteros ou Dipteros, com os seccos estados abruptamente separados de larva, pupa e imago.

Os mais antigos insectos provavelmente seriam, na maioria, parecidos com essas larvas sem azas dos Orthopteros existentes. A circumstancia de que ainda ha numerosas especies sem azas entre os Orthopteros e que, algumas (*Blattidae*) são tão parecidas com certos Crustaceos Isopodes) no habitus que ambos são indicados sob mesmo nome (Baratta) pelo povo desta terra, difficilmente podará ser considerado como de alguma importancia.

A supposição contraria de que os mais vellos insectos possuiram uma “metamorphose completa” e de que a “metamorphose incompleta” dos Orthopteros e Hemipteros é sómente de origem ulterior, esbarra em serias difficuldades. Se todas as classes dos Artropodes Crustaceos, Insectos, Myriapodes e Arachnideos) são, na verdade, ramos de um caule commum (sobre o que difficilmente póde haver duvida), é evidente que os Crustaceos que vivem e os que respiram na agua, devem ser considerados como o eixo original de quel se ramificaram as outras classes terrestres, com a sua respiração tracheal. Mas em parte alguma, entre os Crustaceos, se encontra um modo de desenvolvimento comparavel á “metamorphose completa” dos Insectos, em parte alguma, entre os Crustaceos jovens ou adultos se encontra formas que possam ser semelhantes ás pupas dos Dipteros ou Hymonopteros, ás larvas dos Coleopteros ou ás lagartas dos Lepidopteros, nem mesmo qualquer traço d'uma semelhança longinqua á pupa quiescente d'esses animaes. Na verdade, as pupas não podem totalmente ser consideradas como membros de uma serie evolutiva geral; os estados individuaes que representam estados ancestraes permanentes para



um animal como as pupas astomatas e apodas do bicho da seda, enclausurada n'um casulo espesso, jamais poderá ter constituído o estado final, sexualmente maduro, de um Arthropode.

No desenvolvimento dos Insectos, jamais vimos novos segmentos addidos aos já presentes nas larvas mais novas; mas nós vemos segmentos que são distintos na larva, fundirem-se ulteriormente ou desaparecerem. Considerando o parallelismo que prevalece através da natureza organica, entre os estados paleontologicos e o desenvolvimento embryonario, è por isso, improvavel que os mais velhos Insectos tenham possuido menos segmentos do que alguns de seus descendentes. Mas as larvas dos Coleopteros, Lepidopteros, etc., jamais

tiveram mais de nove segmentos abdominaes. Não é, por isso, provavel que elles representem a forma joven, original, dos Insectos mais velhos e que os Orthopteros, com um abdomen de onze segmentos, se tenham subsequentemente desenvolvido d'elles.

Tomando em consideração, de um lado essas dlfficuldades e de outro os argumentos que indicam os Orthopteros como a ordem mais estrictamente proxima da forma primitiva, é minlia opinião que a "metamorphose incompleta" dos Orthopteros, é uma metamorphose primitiva, herdada dos parentes originaes de todos os insectos e a "metamorphose completa" dos Coleopteros, Dipteros, etc., uma metamorphose *adquirida* subsequentemente.





CANTIGAS

I

A noite do esquecimento
 Não se fez para quem ama:
 Vives no meu pensamento
 Como no sol vive a chamma.

VOLTA

Si durmo, sonho contigo;
 Si vélo, jamais te esqueço:
 Esquecer jamais consigo
 Este amor de que padeço.
 Possúe-te o meu pensamento
 Como o sol possúe a chamma:
 Na noite do esquecimento
 Só se perde quem não ama.

II

Si te vejo a formosura
 Si os teus encantos abranjo,
 Fico a scismar que n'altura
 Deus sentê falta de um anjo.

VOLTA

Humana fôras, si fosses
 De menos graça e bellesa,
 Que fórmass assim tão doces
 Ao mundo causam surpresa.
 Um'outra igual formosura
 Jamais com os olhos abranjo:
 Igual a ti, só n'altura
 Talvez exista algum anjo.

III

Tinta alguma se compara
 A' tinta dos olhos teus,
 Pois, sendo preta, é mais clara
 Que o sol na gloria dos ceus.

VOLTA

Teus olhos são dois tinteiros,
 Cheios de tinta de luz:
 Si escrevo versos fagueiros,
 N'elles tua alma transluz.
 Tinta assim, preciosa e rara,
 Somente nos olhos teus:
 Nunca a vi, tão preta e clara,
 No mar, na terra ou nos ceus.

IV

O mar profundo interrogo:
 «Ella guarda o meu amor?»
 E do mar escuto logo
 Altos soluços de dor.

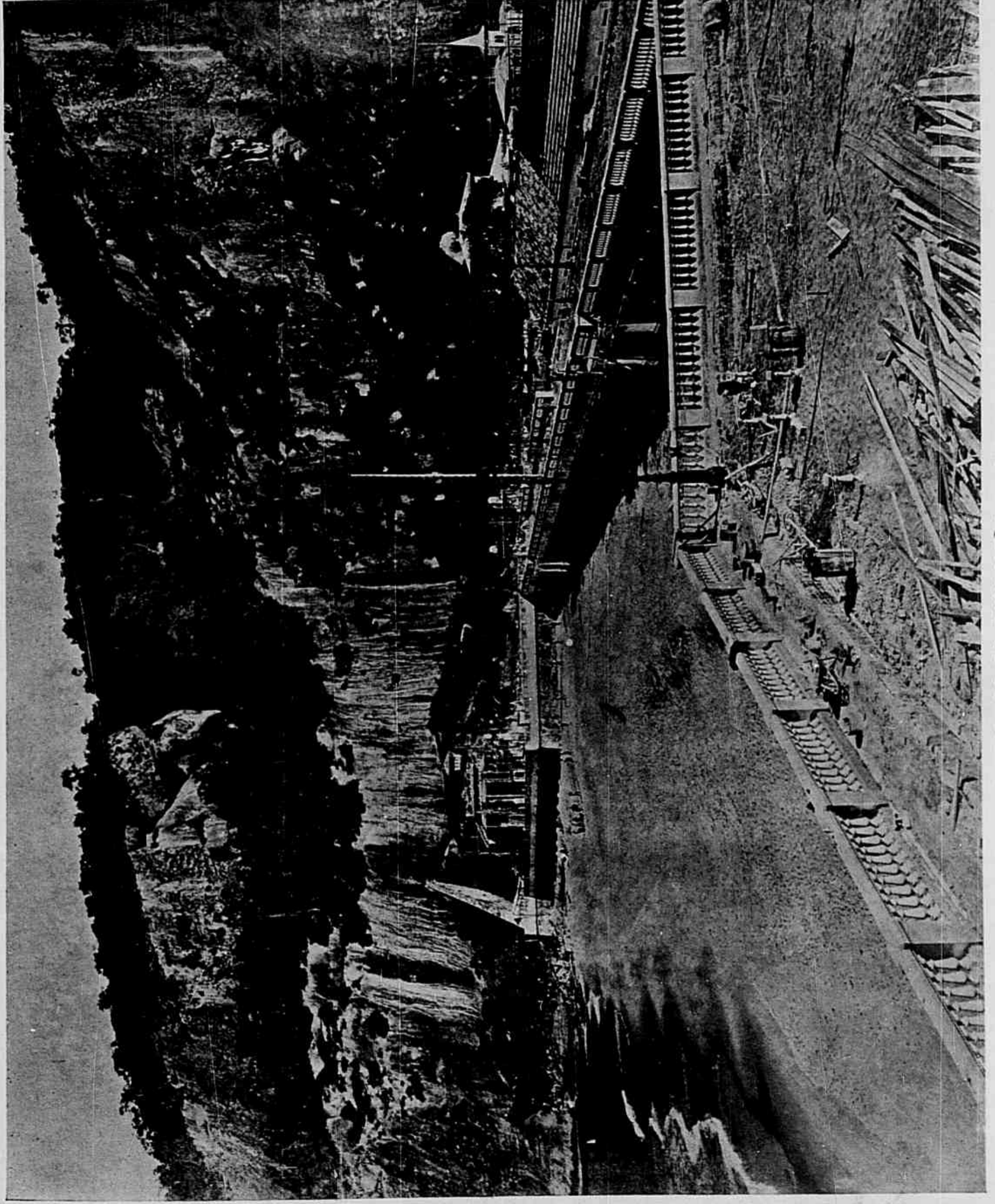
VOLTA

Passa do mar o gemido,
 Passa a espuma á beira-mar;
 Passa o clarão dolorido
 Do sol que vae a expirar.
 Tudo passa e então pergunto:
 «Ha de passar meu amor?»
 Como chorando a um defunto,
 O mar soluça de dor.

CUNHA MENDES.



Exposição Nacional



O TERRAÇO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL



BUENOS AIRES

O BRASIL NA CIDADE — UMA VISITA IMPRESSIONANTE — HUMANITARISMO E CARIDADE

III

QUEM tem a agradável curiosidade de observar letreiros e disticos ha de notar em Buenos Aires a frequencia com que os nomes Brasil e Rio de Janeiro são repetidos nas taboletas dos bondes e nos annuncios de café; não ha uma casa de cartões postaes onde não se vejam as fotografias do Dr. Campos Salles e do General Roca, sob os respectivos escudos nacionaes, bem como as bandeiras argentina e brasileira unidas por um laço branco de paz e de confraternidade. Entre as novidades literarias que se ostentam nos escaparates dos livreiros chama a attenção, ao lado do livro do Sr. Turot, uma bella brochura «Gli Stati Uniti del Brasile», traducção italiana de artigos do Sr. Tobias Monteiro, editados pelos irmãos Treves, de Milão. Os bondes vão ás avenidas ou ruas Brasil e Rio de Janeiro; as varias succursaes do *Café Paulista* estão repletas de gente o dia inteiro, tomando café e «delicia paulista», isto é, coalhada; vendem-se os postaes, vende-se o livro. Essa popularidade de rua, si não é uma prova de sympathia, não é tambem um desejo de agredir; a humanidade ainda é tão espalhafatosa que uma placa azul com letras brancas á esquina de uma rua agrada mais do que uma pagina retida na historia. Todas as coisas augmentam e se desvirtuam vistas atravez da distancia ou estudadas apenas pela superficie ou pela primeira impressão; é um grave erro de critica não saber contrabalançar, reparar num só aspecto, numa unica face das coisas; e para fazer pesar mais o mal ainda se sobrecarrega a concha da balança com o peso estúpido do preconceito. Assim X. vae a Buenos Aires pela primeira vez; já tem ido á Europa e a bordo fez sempre as melhores relações com cidadãos da Republica Argentina; durante os oito dias que passa na capital platina encontra tres ou quatro desses conhecimentos, é cercado de amabilidades, volta ao Brasil. Vem encantado da viagem, mas cala a boca e não desmente o preconceito; ora, isso é uma covardia da opinião que ninguém deve commeter por ser indesculpavel e perigosa. Mas que! Ainda ha muita gente ingenua que vive pelas idéas dos outros e sob a tutella da imprensa; ha muito chefe de familia que não tem opinião sobre uma occurrencia

notavel emquanto não vir o que diz o seu jornal; ha muito «homem do mundo» que só sabe si um livro é bom ou máo depois da critica do seu critico predilecto.

Mas em duas vastissimas cidades como o Rio de Janeiro e Buenos Aires a população tem os seus deveres inadiaveis para com a vida, tem os seus interesses, as suas occupações, a sua actividade; o jornal é lido no bonde, ás pressas, como uma informação e um guia; os louvores exagerados, as diatribes gratuitas ficam esquecidos como o cigarro fumado; é um engano supor que os leitores seguem uma polemica como seguem um folheim ou as operações da bolsa, e que entre dois numeros do jornal a vida nacional fica suspensa. E que ficasse! E que toda a imprensa argentina sem excepção (o que não acontece) atacando o Brasil fosse o reflexo da opinião da grande maioria do paiz! Era um motivo para a gente sensata perder a cabeça? Depois da guerra de 1870 toda a literatura franceza, no theatro, no romance, no conto, na poesia tem atacado a Allemanha com uma violencia de furacão; Paris não perdôa a entrada dos Prussianos nos Campos Elyseos; a França não esquece Strasburgo; na conferencia de Algeciras houve graves interesses contrariados entre as duas nações; o dominio na Asia e o dominio na Africa são dois abysmos como Scylla e Charybdes; entretanto os dois governos procuram cada vez mais cimentar esse arduo trabalho de uma paz impopular. Que me importa a mim que um grosseirão qualquer me chame «macaquito» si encontro nos Argentinos bem educados de quem me aproximo a mais perfeita cordialidade, a mais cavalheirosa galanteria?

Querendo dar um exemplo da antipathia argentina contra o Brasil, contou-me um amigo que um certo Geraldo *calotin* do Rio de Janeiro teve de se dizer Portuguez para representar no Casino onde as suas cançonetas e os seus maxixes colheram grande exito. Creio que o Brasil não pode lamentar essa naturalisação á ultima hora; mas em compensação o nome de Olavo Bilac ainda corre de boca em boca cheio de louvor; e no Hospital Militar ouvi do director os maiores elogios ao talento e á competencia profissional do Conselheiro Nuno de Andrade; o Dr. Oswaldo Cruz é uma celebridade americana, e os Portenhos, quando se referem a Francisco Pereira Passos, dizem: «el Haussmann de ustedes.» Estamos compensados do Geraldo.

E aqui está a verdade que tanto intrigava a Pilatos.

• • •

D... accedeu gentilmente ao meu desejo, e ás duas horas da tarde de um lindo dia de



Janeiro desciamos de um bonde na avenida de las Heras n. 1310, em frente do vasto edificio da Penitenciaria Nacional, instituição de que os Argentinos podem ter o mais legitimo orgulho. As altas muralhas que cercam o presidio encontrando-se na frontaria do edificio, dão-lhe um aspecto solemne de fortaleza, impressão avivada pelas sentinellas que passeiam na amurada como esculcas das pontes levadiças dos castellos feudaes. Mas apenas passado o portão, a frescura de um jardim bem tratado alegra a alma, quasi lhe tira a tristeza de uma visita á mansão do crime. Apenas souberam na Administração que dois Brasileiros queriam visitar a Penitenciaria, fomos convidados a ir ao gabinete do administrador, que, lamentando não nos poder acompanhar pessoalmente, confiou essa missão a dois empregados.

Abriu-se uma pesada porta, e eu murmurei para D... o terrivel e angustioso verso de Dante:

«Per me si va nella città dolente...»

— Não, disse elle, não ha nada de lugubre aqui. Vaes entrar em uma atmosfera de paz, de respeito e de esperança.

— De esperança?

— Positivamente.

Passámos pelo corpo da guarda militar, atravessámos um pateo e chegamos ao centro de observação, foco donde emanam todos os corredores das cellulas como um leque que se abre. Desse centro um só homem vigia todos os corredores. E entrámos em uma longa, arejada, aceiada galeria, com todas as portas abertas, porque áquella hora os penados estavam trabalhando. Vimos algumas cellulas de aceio irreprehensivel e onde é evidente o humanitario intuito de adoçar a vida dos desgraçados. Ha uma janella gradeada para o pateo e uma outra menor para a galeria que o preso fecha e abre á sua vontade, luz electrica, cama com travesseiro, colchão e lençoes, uma mesa, um banco, uma estante com livros que passam pela administração. D... bateu-me no hombro:

— Vês? Nada lugubre, nada triste.

— Sim, na verdade! Generosamente com modo tudo isso!

E reparei que á porta de algumas cellulas havia letreiros com estas indicações: «Buena, Muy buena, Ejemplar.»

— São as conductas dos presos? perguntei a um dos guias.

— Sim senhor.

— Quaes são as vantagens de uma conducta exemplar?

— São seis principaes: uso do nome e perda do numero; direito a usar bigode; visita quinzenal e áparte; correspondencia livre; passeio

no pavilhão até o toque de silencio; e luz á vontade na sua cellula. A conducta exemplar só pode ser adquirida depois de um anno de prisão, com observancia á disciplina, ao trabalho e ao estudo. Não é facil como o senhor pode pensar. Ha pessôas que estão aqui ha quinze annos e que ainda não puderam passar de «buena.»

— Então é uma regeneração?

— Assim tem sido. Ha seis mezes sahiu d'aqui um penado por homicidio; elle entrou sem saber ler nem escrever; desde o primeiro anno teve uma conducta exemplar; e ao terminar a pena estava a tal ponto regenerado que hoje tem um emprego de duzentos pesos. Vem de vez em quando visitar o director.

— Dr. Ballvé

— Dr. Ballvé. Elle deseja depois receber a visita dos senhores.

Vimos depois uma solitaria; é uma cellula como as outras, apenas menor e mais escura; não ha livros, não ha cama; a ração é de pão e agua. O guia informou:

— O castigo afecta mais o moral porque impede uma bôa classificação, afasta o castigado do trabalho em commum e acarreta a conducta pessima.

— E ácima de pessima?

— Má e regular. Os de conducta má trabalham na propria cellula, e os de regular não têm direito á nem uma regalia. Os de bôa conducta podem fazer uso dos livros da bibliotheca, receber e dirigir uma carta por mez á familia, ter um calorifero na cellula e uma ração diaria de quatro cigarros. Os de optima todas essas vantagens e mais augmento de uma visita fora do regulamento e mais dois cigarros.

— Então os de conducta exemplar?

— Tudo isso e mais: visita da familia, recreio, uso de roupa particular, a porta do cubiculo aberta até o toque de silencio, chá, café, mate, assucar e cigarros para o seu uso exclusivo. O senhor não pode imaginar o incentivo dessas regalias!

D... pessimista — alegre interveiu:

— Ha mesmo muito preso que se regenera para poder fumar.

— Comtanto que se regenere, pouco importa a causa.

— Não jogam? perguntou D...

— Que esperança! Nem em sonho. E' a falta mais grave que um penado pode cometer.

— Aqui não ha mulheres?

— Não senhor, nem menores.

— Entre toda essa gente, por melhor que seja o regimen, por grande que seja o estimulo, deve haver incorregiveis...

— Como não! Estes são a lepra, são o contagio; não saem da cellula, e quando se veri-



fica que são de todo incorrigíveis, vão para o presidio da Terra do Fogo.

Os banheiros, a cosinha, a padaria, a farmacia, a sala de operações, a enfermaria, o gabinete do dentista são tudo quanto ha de mais perfeito e de mais hygienico. São os proprios reclusos que cosinham e fazem o pão, um excellente pão.

— Onde são as cellulas dos abastados?

— Não ha. Aquí não ha ricos nem pobres; todos estão sujeitos á disciplina. Os que entram nesta casa perdem o nome e a personalidade; depende exclusivamente delles readquiril-os. E' a vantagem do regimen: a inveja é substituida pela emulação. Creio que na Casa de Correccão do Rio de Janeiro é assim...

— Sim, é parecido... É castigos corporaes?

— Absolutamente!

— A que horas os presos se levantam?

— Conforme a estação; o mais cedo ás quatro e meia, o mais tarde ás cinco e meia; recolhem-se ás oito, depois das aulas. Em resumo elles têm: seis horas e meia distribuidas pela hygiene, comida e descanso; nove horas de trabalho, duas de aulas, sete e meia ou oito e meia de somno.

Mais do que tudo o que é admiravel na Penitenciaria Nacional é a organização do trabalho. Só a secção de typografia editou em 1906 oitenta e oito obras de character official, variando de 300 a 2.000 paginas cada volume e edições de 1.000 a 2.000 exemplares; a de encadernação executou um trabalho correspondente a 69.033 volumes; a de sapataria produz diariamente 250 pares de sapatos destinados aos soldados e marinheiros nacionaes e a todos os presos dos diversos presidios da Republica. Nesse mesmo anno o valor total dos productos elaborados nas oficinas foi de pesos 692.765, o custo da materia prima empregada de 289.084, donde um lucro de 403.680, dos quaes 71.002 ingressaram na caixa do estabelecimento para a manutenção do trabalho, ficando um saldo de 332.677; dessa quantia foram liquidados em favor do peculio dos penados 36.761 e 28.744 ás familias desses e aos presos que terminaram as penas. Dir-se-á que ha nesse systema uma injusta concurrencia ao trabalho do operario livre. Não, a Penitenciaria não faz fornecimento a particulares senão em egualdade de preços; o seu trabalho não chega para abastecer a compacta população de Buenos Aires onde o operario livre impõe as suas condições como os colonos de S. Paulo.

Não ha pois nem uma injustiça; e ao contrario é muito justo que os presos, recebendo gratuitamente educação, alimentação e instrução concorram com o seu trabalho para diminuir o onus que a sustentação das forças armadas acarreta ao orçamento nacional. Desse

trabalho elles têm uma pequena porcentagem com que podem suportar os rigores da vida depois que saem do carcere. E' terrivel o preconceito da sociedade contra os homens que estiveram presos. E quantos homens estão na cadeia injustamente e innocentemente? O pobre Crainquebille, essa dôce e sofredora figura que Anatole France creou, não existe apenas em Paris, existe em todas as grandes cidades onde a immensa injustiça humana deixa de ser um acaso fatal para se transformar num abysmo voraz e incontentavel. A sociedade tem a obrigação de se defender, de se preservar; mas inutilisar um homem pela barbaridade do castigo é um crime. Que beneficio colhe a Russia com a selvageria da Siberia, com as suas terribes prisões, — a «Casa dos Mortos» de que o genio de Dostoiewsky fez as mais bellas paginas de uma literatura? Qual é o beneficio do pavoroso regimen dos carcereiros de Portugal? Qual o dos da Italia e da França? — Qual o da Argentina? perguntará algum adepto da barbaridade? Apenas um exemplo de um crime muito vulgar nos grandes centros, moeda falsa:

Annos	Presos por falsificação de moeda	Presos por circulação de moeda falsa
1897	12	219
1898	15	226
1899	17	177
1900	18	118
1901	8	124
1902	8	99
1903	1	37
1904	3	23
1905	2	18
1906	0	11

Os presos da Penitenciaria de Buenos Aires são ao cabo de algum tempo e conforme a vocação adquirida ou que trouxeram de fora, typografos, encadernadores, litografos, fotografos, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, fundidores de bronze, ferreiros, funileiros, mecanicos, electricistas, desenhistas, cosinheiros, padeiros, cigarreiros, jardineiros, barbeiros, — empregam-se emfim em todos os serviços em que podem ser uteis; inaugurou-se ha pouco um curso de escreventes em machinas. As diversas oficinas são verdadeiramente modelares; tem-se a impressão de que se está em uma fabrica e não num carcere; os presos conversam livremente com os camaradas de uma tarefa e não como os forçados de um presidio, que inventam combinações para trocar pensamentos. O ar é puro, a luz é limpida, as portas estão abertas, não se vê um soldado, não se percebe um temor nas faces. Das paredes pendem gran-



des mapas mostrando em desenhos e coloridos os perigos do alcoolismo. Os galés empregados na horticultura e floricultura estão nas quintas e nos jardins numa completa liberdade — aparente. No salão de desenho e pintura, ao lado de uma linda aquarella, D.^{***} e eu vimos um retrato do Dr. Campos Salles. Os penados conservam a saúde não só pela admirável hygiene do estabelecimento, mas como pela occupação do espirito e pelos exercicios de gymnastica. De quinze em quinze dias assistem a um espectáculo de cynematografo onde as fitas contam historias instructivas, viagens interessantes, coisas comicas e ingenuas, e como estribillo, — os perigos do alcool. Como elles frequentam a bibliotheca da prisão, alguns adquirem conhecimentos que muito homem do mundo não possui. Guilherme Ferrero assistiu na Penitenciaria á uma interessante conferencia de um preso sobre a America anti-colombiana. Esse conferencista eu vi fazendo uma carta geographica da Republica Argentina; a sua conducta é exemplar.

— Quem é? perguntei a um dos guias.

— Um sujeito de vergonha; encontrou a irman em um prostibulo e matou-a.

* * *

Depois da visita o Dr. Ballvé, director da Penitenciaria, recebeu-nos no seu bello gabi-

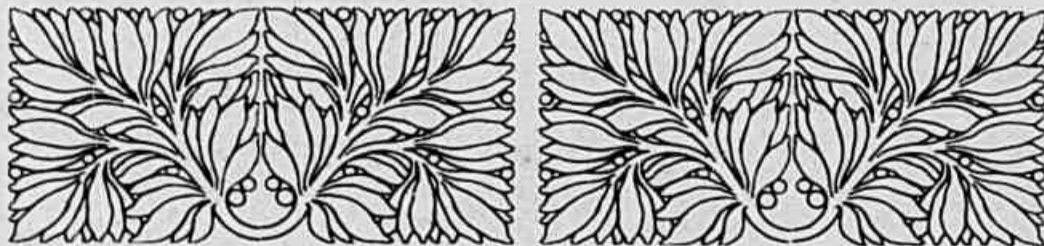
nete, mobiliado e ornamentado com o trabalho dos presos. Desde as primeiras palavras percebemos que estavamos deante de um homem de rara energia mas profundamente convencido do regimen da doçura. Com eloquente simplicidade esse homem, que com tanta nobreza applica a sua bondade áquelles que a sociedade afasta de si, desenvolveu largamente as suas idéas, enumerou regenerações extraordinarias, defendeu e glorificou o trabalho dos carceres, «trabalho que mantem absorvidas em preocupações honestas e proveitosas todas as faculdades do penado e as suas actividades fisicas durante a maior parte de tempo possivel.» Eu declarei-me encantado, lamentei que no Rio não tivessesmos uma instituição assim.

Tudo isso de certo o Dr. Ballvé está acostumado a ouvir; o que elle naturalmente ouviu pela primeira vez foi um elogio como o de D.^{***} franco, sincero, expontaneo:

— Doutor, a Penitenciaria é tão bôa que, si algum dia eu tiver de commeter um crime, venho commetel-o em Buenos Aires...

Montevideo — Maio de 1908.

THOMAZ LOPES.



As obras contra a secca

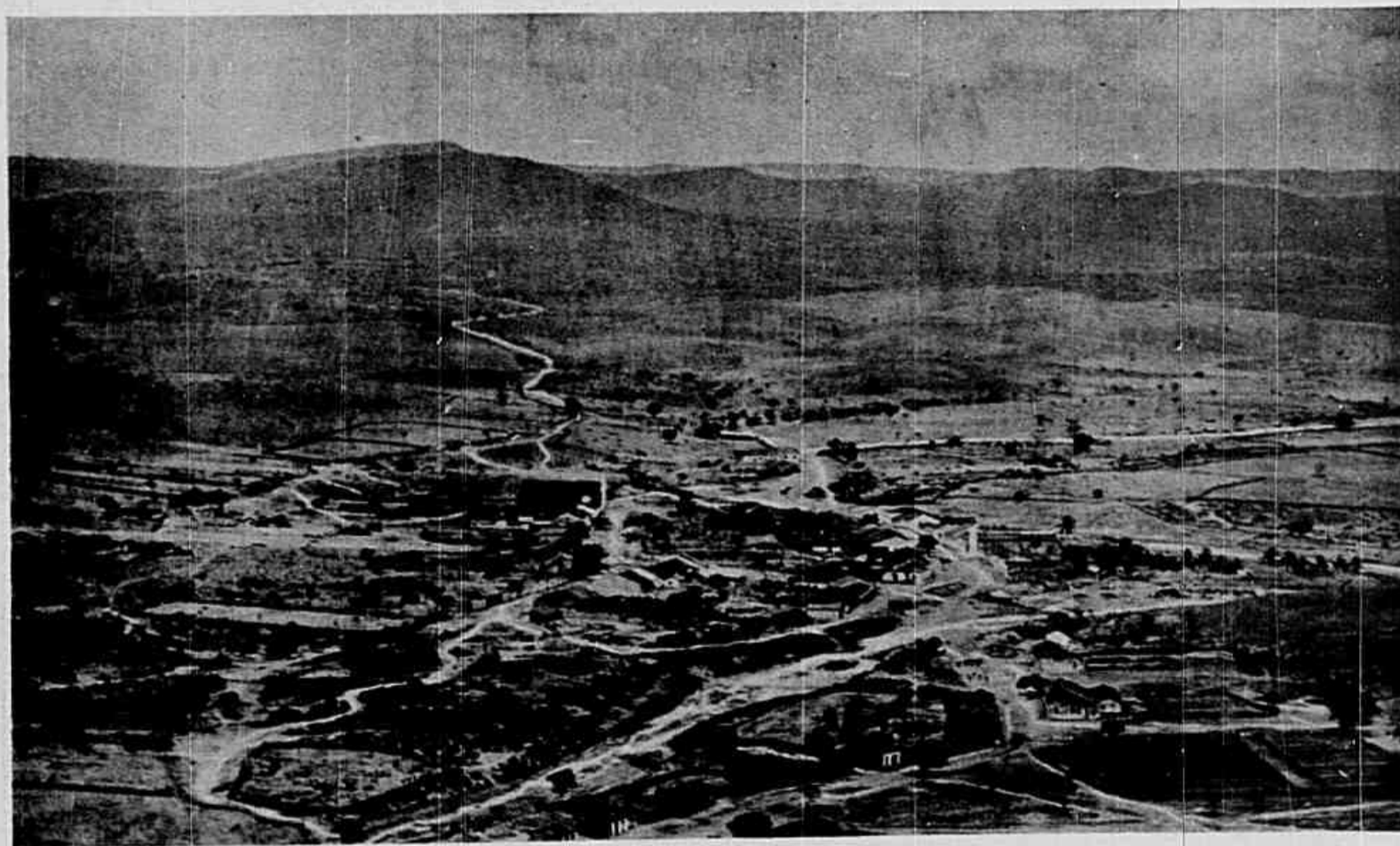
EM passado numero desta revista publicamos algumas notas acompanhando excelentes gravuras, representando os grandes açudes construidos no Ceará para a resolução do problema das seccas que periodicamente assolam varias regiões do norte do paiz. Essas obras iniciadas ha largos annos, em cada um consumindo milhares de contos desde os tempos do extinto regimen, pareciam, á falta de um plano resolutamente executado, destinadas a jamais terem fim, como nem uma utilidade traziam ás populações victimadas.

Na passada administração, mercê do coro de reclamações trazidas ao governo, echoando no

Dos trabalhos até agora executados, nessa nova phase do combate ás seccas devastadoras de riquissimas regiões votadas ao abandono pelas inclemencias climatericas, publicamos hoje ligeira noticia, acompanhada de gravuras, que, melhor que as nossas palavras mostrarão a sua importancia, e os serviços prestados ás populações flagelladas de quatro grandes e futuros Estados.

A perfuração de poços, o estudo de açudes e a drenagem do valle de Ceará Mirim occuparam a actividade da Seperintendencia durante todo o anno passado e proseguem urgentemente, prestando já extraordinarios serviços ás populações de vastos trechos dos territorios assolados.

Foi estudado o açude da Soledade, na Parahyba do Norte, a 300 kilometros da capital do Estado, para seis milhões e setecentos e cincoenta mil metros cubicos de agua, orçadas



VISTA GERAL DO VILLA DO INGÁ (PARAHYBA DO NORTE)

seio da representação nacional, activaram-se os estudos e varias obras foram emprehendidos ao mesmo tempo em diversas regiões methodisaram-se os trabalhos e sendo creada uma Superintendencia que foi confiada á alta competencia do dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, auxiliado por profissionaes escolhidos.

Com a chamada do dr. Miguel Calmon á pasta da Viação e Obras Publicas, esses serviços receberam novo alento.

as despesas em 125:000\$000.

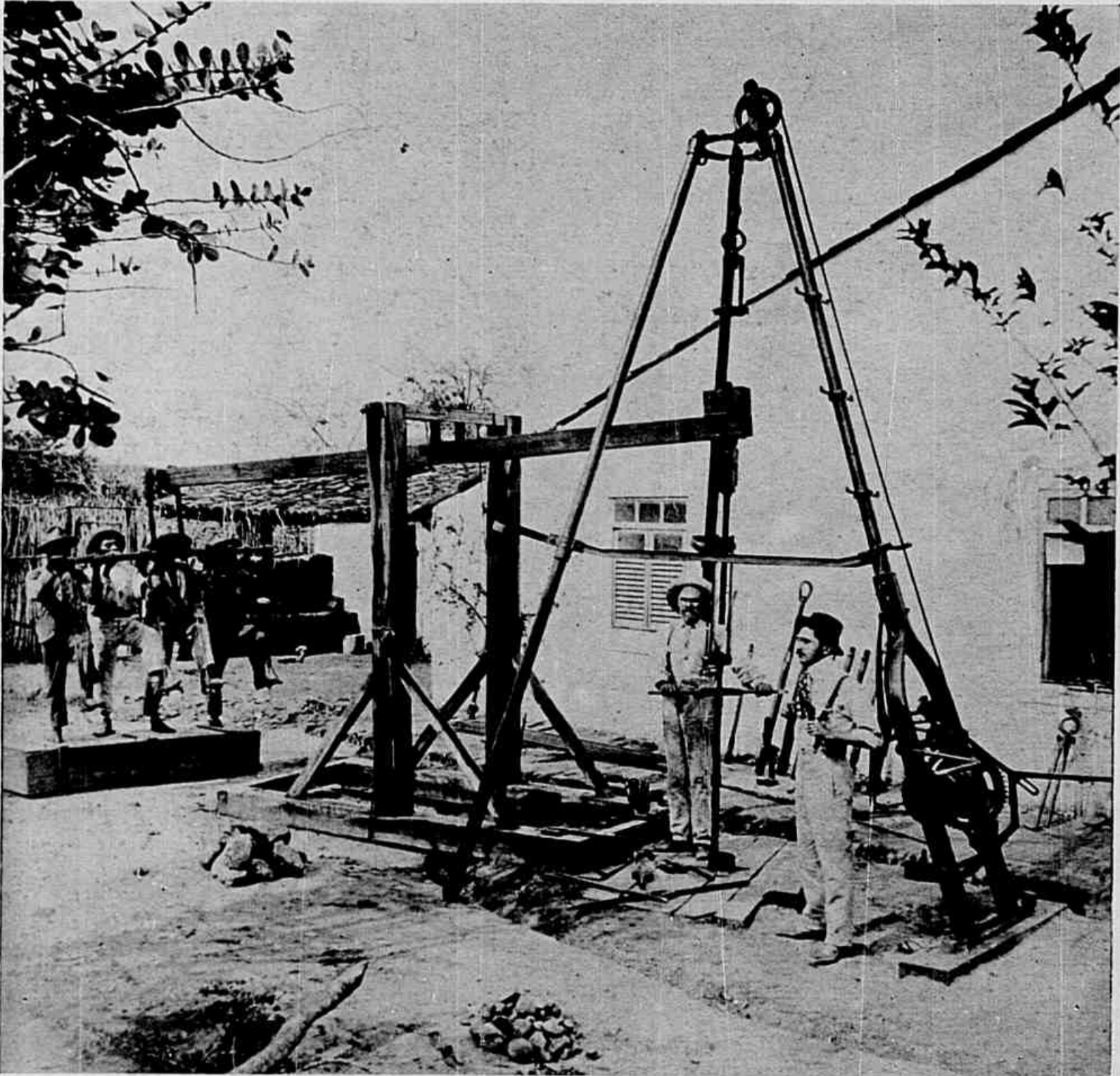
Na villa de Ingá no mesmo Estado está sendo perfurado um poço que já attinge a 27 metros de profundidade, revestido de tubos de aço de 0^m,125 de diametro, por meio de um apparelho Arrault, cujo transporte por sua simplicidade e prompta desmontagem, se torna mais facil naquellas longinquas regiões do alto sertão, desprovidas de todos os meios para esses serviços.

No Rio Grande do Norte, mesmo na Capital foram perfurados seis poços; destes quatro já prestam relevantes serviços ao abastecimento de Natal.

O primeiro está em terrenos do *Natal Club*, e tem a profundidade de 40 metros; o nível d'água vem a 19 1/2 metros abaixo do solo, donde é sugada por uma bomba accio-

inutilizado em parte pela areia, que diminuiu a vasão diaria do liquido.

Ao lado deste foi perfurado um outro que funciona perfeitamente; tem a profundidade de 26 1 2 metros e diametro de 0^m,152, o nível d'água a 14^m,5 abaixo do solo, bomba de sucção accionada por catavento e reservatorio para nove mil litros.



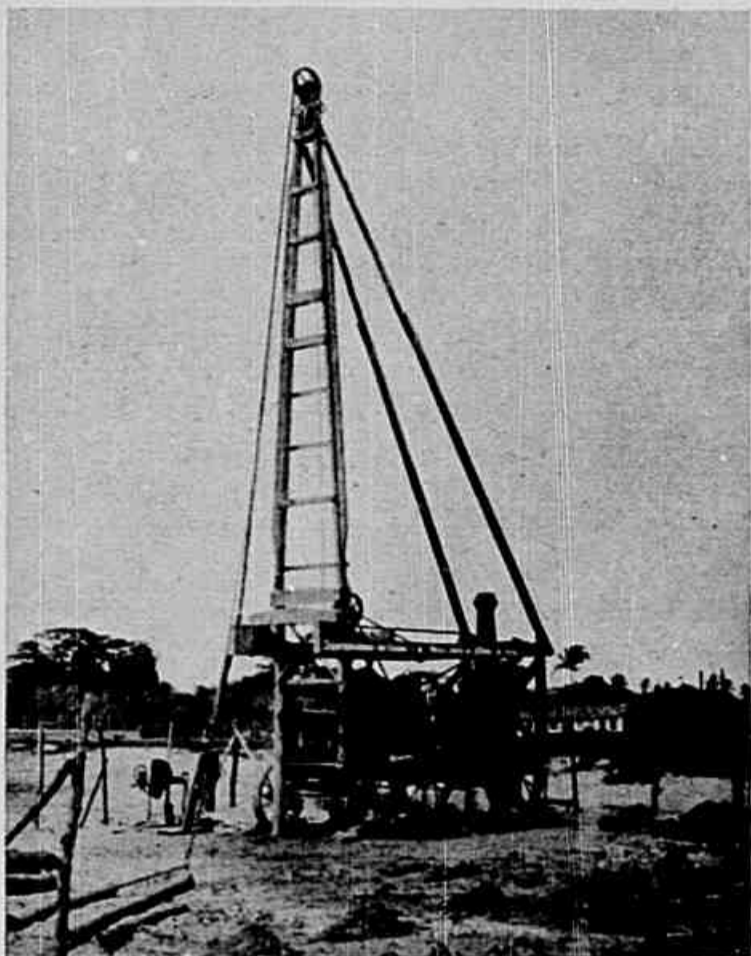
PERFURADOR A MÃO INSTALLADO NA VILLA DO INGÁ (PARAHYBA DO NORTE)

nada por catavento e conduzida a um reservatorio com capacidade para 20 mil litros. A producção desse poço é de 3.000 litros por hora.

No bairo da Lagoa foi perfurado o segundo poço, de 37 metros de profundidade, e cedo

O poço do Lazareto, que abastece o bairro do Alecrim, tem 48 metros de profundidade, e o nível d'água fica a 23 metros abaixo do solo.

Uma bomba tocada por catavento conduz a agua, cuja vasão é de 50 mil litros em 24 horas, a um reservatorio de 24 mil litros, cons-



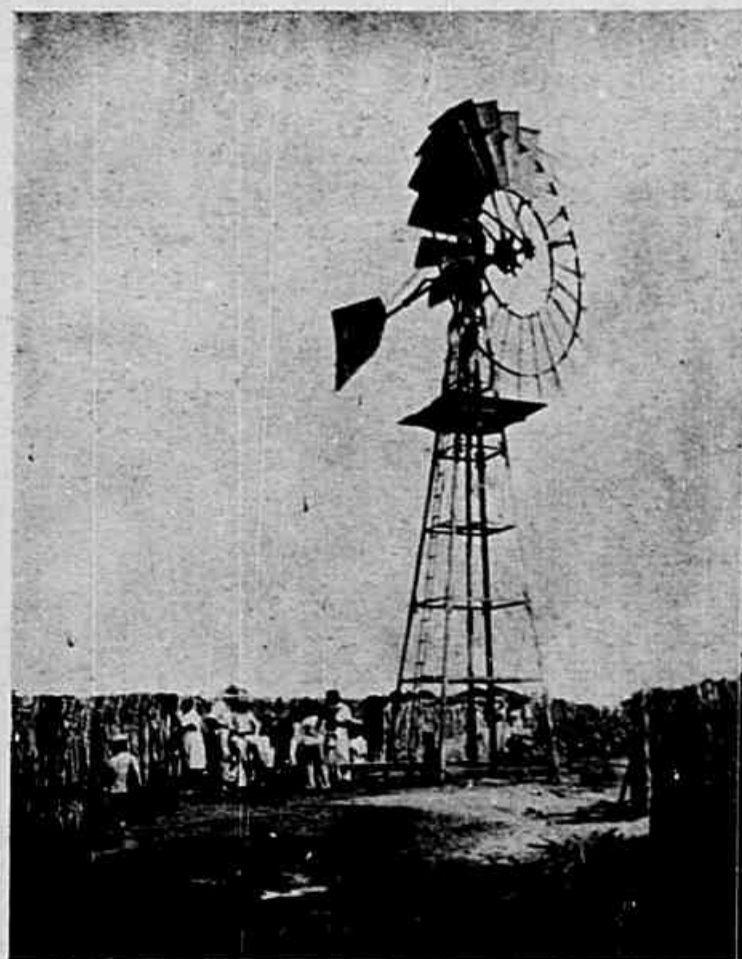
PERFURADOR KEYSTONE INSTALADO
NA ALDEIOTA ARRABALDE DE
FORTALEZA (CEARÁ)



PERFURADORA A DIAMANTE E ACCIONADA
A MÃO INSTALADA EM BEMFICA,
ARRABALDE DE FORTALEZA (CEARÁ)



PRIMEIRO PÔÇO DE NATAL (PRADO)



OBSERTATORIO DO LAZARETO



truido de alvenaria de tijollo, coberto com tampo de ferro.

Na Avenida Affonso Penna, foi perfurado um outro com 28 metros de aprofundamento, fornecendo 48 mil litros em 24 horas. Um reservatório de 15 mil litros de capacidade serve de deposito á agua que por meio de um chafariz é distribuida ao publico.

Em Desterro de Potengy, municipio de S. Gonçalo a pequena distancia de Natal, está prestando relevantes serviços um outro poço que continua a ser aprofundado, visto a agua que produz não se prestar ainda sinão á irrigação e consumo do gado.

Estudos estão feitos tambem para a perfuração de um poço em Taipú.

Em Macau a perfuração de um outro attingiu já a profundidade de 54 metros, proseguindo ainda.

Foi estudado ainda, no mesmo estado do Rio Grande do Norte, o valle do Assú, onde se projectam barragens submersas que façam aflorar ao solo as aguas que correm subterraneas na estação calida.

A drenagem do valle do Ceará Mirim, rio cujas aguas extravasando pela obstrucção da foz, torna pantanosos vastos terreno uberrimos, foi ainda objecto de detalhado estudo, já concluido, e que sendo executado entregará á lavoura mais de 4 mil hectares de terrenos excellentes e adubados pelas constantes inundações.

No Ceará tem sido feitas sondagens em

pontos diversos, e perfurações de poços para o abastecimento d'agua á capital do Estado.

O poço de Bemfica, em Fortaleza, é o mais



PÔÇO DO LAZARETO

profundo dos construidos pela Superintendencia. A perfuração parou ao attingir 84 metros de profundidade sendo necessario o emprego de uma sonda de diamante para romper mais de 25 metros de durissima rocha.

O nivel d'agua nesse poço, é de 6 metros abaixo do solo.

No bairros de Aldeiota e Praça dos Coelhoos foi achada agua em abundancia a 40 metros de profundidade.

Esses dous poços foram já entregues á Municipalidade de Fortaleza para o supprimento á população da cidade.

Em Soure, a 20 metros de profundidade foi encontrada excellente agua potavel. Alem desses, projecta a Superintendencia estabelecer poços de 20 em 20 kilometros na estrada que de Fortaleza e passando por Soure, demanda o sertão do Estado, de modo a que os viandantes não soffram, como até agora, absoluta falta d'agua em centenas de kilometros de caminho.

Ainda em S. Bento, ponto terminal da E. de F. Baturité está outro poço projectado.

Quatro açudes—o do Riachão, o do Sacco do Medico, o de Mocambinho e o de Caio Prado, foram igualmente estudados, sendo que o ultimo orçado em



CHAFARIZ DA PRAÇA SENADOR P. VELHO

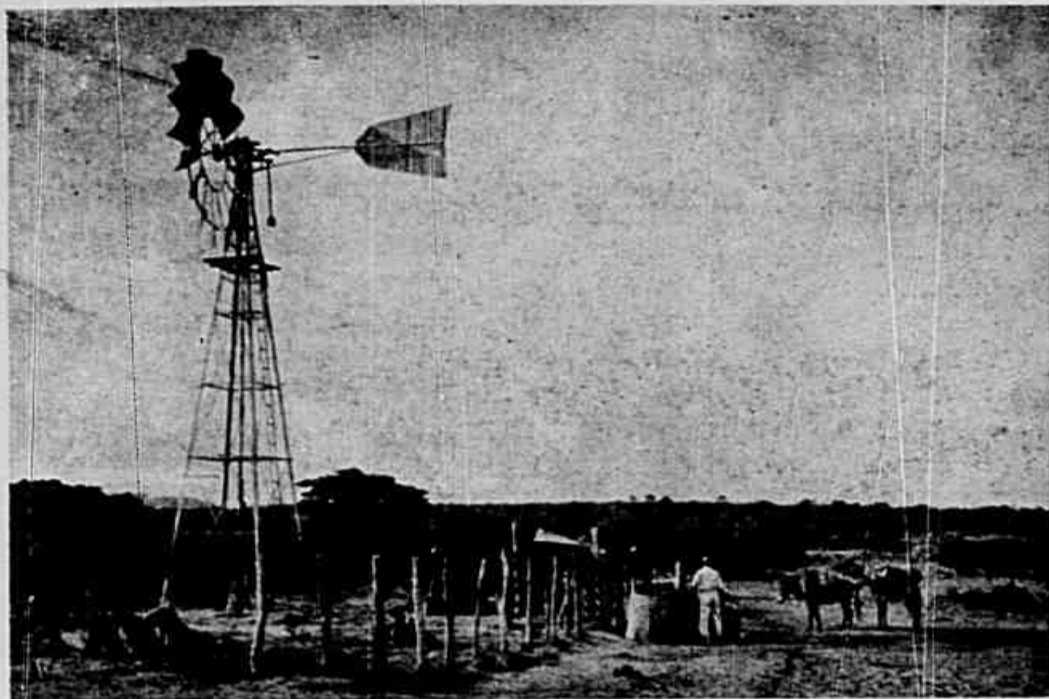


150:000\$000 ficará situado no alto sertão em terras de aridez absoluta.

Em Altos, povoação que fica a 60 kilometros de Therezina está sendo perfurado um poço que já tem 42 1/2 metros de profundidade, continuando as obras que beneficiarão uma grande zona de absoluta aridez.

Taes são em largos traços os resultados obtidos por esse departamento do Ministerio da Viação.

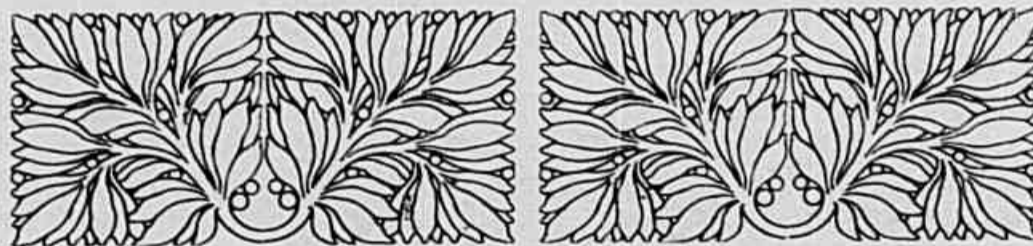
As gravuras que inserimos, darão melhor idéa do modo porque são feitos os trabalhos que beneficiando uma larga zona e a uma população já resignada por longos annos de soffrimentos, concorrerão para o desenvolvimento e progresso de quatro estados da Federação, que dentro em breve não mais verão esse horrendos exodos de creaturas famintas, relegadas para as tradições os horrores do presente.



SEGUNDO PÔÇO — NATAL (LAGÔA)

No Piauhy, auxiliares da Superintendencia tem realizado varios estudos em diversas zonas.

Y.





Pedra da Balisa

CONTRARIAMENTE ao que acreditavam os nossos primeiros cartographos, a linha do *divertium aquarum* entre as duas estupendas bacias do Tocantins e S. Francisco, não é constituída por uma cordilheira corrida, com fortes e alcantiladas escarpas de lado a lado, apresentando altitudes mais ou menos consideraveis; mas sim, em quasi sua generalidade, comprehende extensos e arenosos chapadoes, descortinados, onde crescem preciosas grammineas e florescem plantas medicinaes, de agradável fragancia.

Postos entre as duas incomparaveis bacias, elles alli limitam posses territoriaes dos Estados de Goyaz, Piauhy, Bahia e Minas, e são o vertedoiro de indefinidas e marulhosas correntes, que procuram os referidos caudaes, directa ou indirectamente.

E' no dorso desse singular planalto, constituído de immensos espigões, que demora a celebre lagôa denominada «Vargem Bonita», cujas aguas, aquecidas pelos calidos raios solares, despenham em direcções oppostas, pagando seu modesto tributo áquellas duas bacias.

Os rios Novo, Diogo, sub-affluentes do Tocantins, e Sapão, tributario do Preto e S. Francisco, teem ali o seu manadeiro principal.

«Vargem Bonita» é o laço de união entre os dous grandes caudaes, ligando duas extensas linhas d'agua, que abrangem uma grande aria pela sua junção na lagoa do Capitão Agostinho, cabeceira do S. Lourenço e do rio das Mortes.

Aqui e alli, no dorso rugoso do extenso chapadão, se levantam bellos affloramentos de rocha arenitica, que tomam formas bizarras e esquisitas. Entre todas, destaca-se por suas dimensões e curiosa configuração a denominada «Pedra da Balisa», que os viajores daquellas longuinhas paragens affirmam approximar-se muito da linha divisoria entre Goyaz, Bahia e Piauhy.

E' um bloco de aspecto negro, com tons indefinidos, dados pela vegetação que lhe é peculiar.

Possue dous estrangulamentos, que reduzem de muito o diametro de sua secção horizontal basica, possuindo na parte superior

duas enormes expansões, que se assemelham a dous appendices corneos.

A altura total não excede de 20 metros, como não attinge esse numero a circumferencia da base.

Outros affloramentos existem semeados na grande chapada, como por formas que se assemelham, ora a fortalezas abaluartadas, ora a figuras humanas.

Extensos e regulares renques de *buritys*, communs nessas paragens, lembram forças de infantaria, de bayoneta calada, em linha de parada.

ames Wells diz que esses affloramentos parecem indicar o nivel primitivo do chapadão, hoje rebaixado em consequencia das erosões seculares, que se seguiram áquelle estado inicial e primevo.

O excursionista observador e curioso galgando o cume de taes elevações, extasia-se ao contemplar as depressões abruptas que formam as bacias dos dous volumosos caudaes.

A do Tocantins é mais profunda, sombria e longa.

A vista, ao perder-se nesse immenso panorama de virente aspecto, inunda a alma de mysticas impressões, ao mesmo tempo que o silencio profundo, imperturbavel e caracteristico dos desertos o afoga em um terror inexplicavel e indefinido, capaz de despertar-lhe as mais elevadas e inextricaveis cogitações.

Como é bello poisar a vista sobre essa paisagem natural, que se esbate n'uma tela immensa, onde as silhuetas irisantes das alterosas pincaros se ostentam prenhes de graça e soberbia!

A temperatura ambiente, seria calida e insupportavel, se a brisa temperada, que alli açoita de continuo as campinas agrestes, produzindo nas grammineas o ciciar caracteristico, as não refrescasse.

Flores aromaticas, quasi sempre sarmentosas, de verganteas espiraes, embalsamam o ambiente de um perfume suave e delicado, que embriaga o *touriste*, dando-lhe a illusão de que tem o lenço impregnado de finos e chics extractos.

Outr'ora corsar ariscas e veados espertos alli apascentavam; hoje porém, grandes manadas de gado vaccum se criam, em escala de mais a mais ascendente.

O commercio dessa zona é rudimentar, mas já se vae desenvolvendo, graças ao serviço de navegação do rio Preto, hoje feito até S. Marcello, na foz do Sapão. Toda a producção dessa



PEDRA DA BALISA

Escala 1.100



rica e fecunda região se escôa pelo Tocantins, rumo de Belém do Pará, até que se constrúa a estrada de ferro ligando Formosa á Porto Franco do rio do Somno.

Operada essa ligação, seguir-se-á o deslocamento desse escoadoiro, que se encaminhará para o porto da Bahia.

Quando uma linha directa ligar Formosa á S. Salvador, então terá cessado por completo o commercio com o porto de Belém.

Essa bella é encantadora planura de onde se avistam os profundos e sombrios vãos de S. Francisco e Tocantins, etsá destinada a ser, em futuro proximo, um grande campo de criação e séde promissora da industria do xarque.

Arvores de limitadas proporções, sobresaindo entre ellas a mangabeira, explorada pelos *seringueiros*, ensombram as nutritivas pastagens, dando guarida á criação nas horas de maior intensidade thermica.

Aguas magnificas, de puro chrystal e sabor agradável, abastecem tão encantadores sitios, que assim se prestam a formação de nucleos de população.

A «Pedra da Balisa» não é o unico affloramento arenitico que alli irrompe do solo, como já disse; outros ha sob formas bellissimas, que lhes dão o aspecto magestático de figuras humanas, perdidas na vastidão da chapada, impassiveis á acção depredadora das intemperies.

Ha um ponto em que os affloramentos, se tornam mais frequentes, pelo que se lhe denominou — Figuras.

A «Pedra da Balisa», como os leitores veem no desenho aqui reproduzido, é de um porte bizarro e suggestivo, trabalho secular dos agentes atmosphericos sobre um bloco arenitico de

desigual cohesão. Atacado normalmente, porem, resistiudo heterogeneamente á acção erosiva dos elementos desaggregadores, ella tomou essa forma curiosa, que lhe dá apparencias de um monstro horrendo.

O viajante desaparecido, ao defrontal-a, experimenta um timido receio por sua vida.

O monstro como que está em posição erecta, aguardando a victima incauta para aprêsal-a e saciar os seus instinctos maos vorazes.

Reconhecido que seja, se converte em objecto de sua curiosa observação, pela singularidade de sua forma, côr e rugosidades da superficie.

E eis como as nossas cartas se fazem, por meras presumpções, muito longe de representar o facies da zona que descrevem ou procuram espelhar.

Nem sempre a divisão de aguas das grandes bacias se faz por serros desenvolvidos; e eu mesmo conheço a que no centro do paiz limita as do Amazonas e Prata, que é feita por uma bonita chapada, onde tive oportunidade de vêr, em occasião de chuvas, as aguas pluviaes ou correm indecisas para uma ou outra dessas bacias.

Refiro-me a chapada dos Olhos d'Agua, de que contravertem o rio dos Bois e o Uruhú, este cabeceira do Tocantins, aquelle tributario do Paraná.

O visitante a quem a *Kósmos* deve as primicias do bello desenho que ora estampa, é o illustre Dr. Joaquim de Cerqueira Carvalho, engenheiro alli enviado para reconhecer a zona.

EDUARDO SOCRATES.



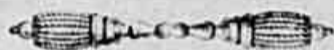
NO EXTREMO ORIENTE

PELO

Capitão Moreira Guimarães

Addido militar do Brazil no Japão

durante a guerra russo-japonesa



Acha-se á venda na Rua da Assembléa, 62

E em todas as Livrarias

RIO DE JANEIRO

O 1º RELOGIO DO MUNDO

LA 1^{re} MONTRE DU MONDE

CHRONOMETRE ROYAL

Vacheron & Constantin - Genève

Unico representante para todo o Brazil: A. CAMPOS

CASA STANDARD ===== **OUVIDOR 72**

Venda sem accrescimo algum por meio de CLUBS

GRANDE NOVIDADE

CLUBS

DE PIANOS RITTER



Inscrições na

CASA STANDARD

Ouvidor 72

12\$000 POR SEMANA

O melhor piano pelo menor preço

O PRIMEIRO CLUB DE PIANOS NO BRAZIL